

PAOLO PICARIELLO



O PARTE-OSSOS

O martelo da vingança

Baixo Piemonte, 1978. Três médicos mortos. Um só instrumento.

O PARTE-OSSOS

O martelo da vingança

PAOLO PICARIELLO

Romance noir

Título original: Lo Spaccaossa. Il martello della vendetta

Tradução do italiano para português europeu (edição revista e corrigida,
2026)

© 2026 Paolo Picariello
Todos os direitos reservados.

Esta obra é ficção. Personagens, entidades, unidades de saúde, empresas e acontecimentos são invenção do autor. Eventuais semelhanças com pessoas ou factos reais são involuntárias.

1

O silêncio debaixo da mesa operatória

O sangue, na penumbra estéril do bloco operatório, tinha um cheiro metálico. O cheiro do fim.

O corpo do doutor Arturo Teixeira jazia de costas, a bata aberta como uma camisa de forças esvaziada, os olhos fixos no néon que tremeluzia por cima da mesa número doze. Ainda tinha posta a máscara cirúrgica, mas o rosto estava desfeito. O arco frontal partido, o crânio afundado por qualquer coisa pesada. Ao lado da mesa, meio escondido debaixo de um lençol branco, estava um martelo ortopédico. Manchado. As manchas nunca mentiam.

O inspetor Ugo De Salvo entrou primeiro. Alto, ombros largos, cara de pugilista arrependido e o sobretudo que parecia suportar sozinho o peso de toda a esquadra. Tinha cinquenta e dois anos e carregava cada um deles, exceto de manhã cedo, quando a escuridão ainda era densa o bastante para esconder as rugas.

Atrás dele, o agente Andrea Marino tomava notas sem levantar os olhos. Trinta e um anos, rigoroso até à teimosia, demasiado elegante para aquele ofício. De Salvo respeitava-o: diante de uma cena assim, Marino ainda conseguia observar antes de julgar.

- Teixeira. Português. Especialista em ortopedia reconstrutiva. Trabalhava aqui há cinco anos - disse Marino, folheando o processo clínico. - Nenhum sinal de arrombamento. Nenhum alarme. A porta estava trancada por dentro.

- Então o assassino sabia como entrar. E como não dar nas vistas - resmungou De Salvo.

Inclinou-se sobre o martelo sem lhe tocar. No cabo, entre as manchas, restava um halo leitoso: talvez talco de uma luva cirúrgica. De Salvo apontou-o ao fotógrafo da Científica, depois endireitou-se.

A cena era cirúrgica. Nada estava fora do sítio, tirando a morte.

- Quem o encontrou? - perguntou o inspetor.

- Uma enfermeira do turno da noite. Esperava-o para a cirurgia das seis. Diz que ele era sempre pontual. Rigoroso.

De Salvo assentiu. Depois virou-se para o néon a tremeluzir.

- Manda apagar isso. Põe-me nervoso.

Saíram para o corredor. Cheiro a desinfetante e a café queimado. Lá fora, o nevoeiro de Novi envolvia a madrugada como uma gaze. De Salvo acendeu um cigarro sem dizer nada. O primeiro do dia, sempre o mais necessário.

- Que pensa, chefe?

- Penso que quem fez isto conhecia o bloco e sabia onde bater. O resto vem depois.

Marino olhou para ele.

- Acha que queria deixar uma mensagem?

O inspetor soprou o fumo pelo nariz. Observou o corredor vazio, as luzes de néon a cintilar, a placa na parede: SERVIÇO DE ORTOPEDIA - ACESSO INTERDITO A PESSOAL NÃO AUTORIZADO.

- Ainda não sei. Primeiro descobrimos quem era o Teixeira quando ninguém olhava.

Marino abriu a boca para responder, mas De Salvo já ia a caminho da saída. O sobretudo desaparecia na sombra do corredor como um animal a voltar à toca.

2

A manhã seguinte

Novi Ligure às seis da manhã cheirava a pão cozido e a gasóleo. As padarias abriam quando ainda era escuro: uma luz amarela passava por baixo das portadas metálicas, e o cheiro da farinha misturado ao nevoeiro criava qualquer coisa de equívoco, como se o mundo ainda não tivesse decidido se era dia ou noite.

De Salvo caminhava pela avenida que ladeava o hospital. Não tinha ido a casa. Dormira duas horas no único cadeirão do balneário masculino da esquadra, de sobretudo vestido e sapatos ainda calçados. Sissi não lho perdoaria, mas Sissi percebia.

O caso Teixeira prendia-o a qualquer coisa que ainda não conseguia nomear. A brutalidade já a tinha visto. O que incomodava era a ordem do bloco: nenhuma luta, nenhum objeto derrubado, uma arma tirada do serviço e deixada ao lado do corpo. Quem tinha matado movera-se sem pressa.

Parou diante de um quiosque fechado. Na montra, os jornais da manhã estavam expostos atrás do vidro: a primeira página do *Corriere di Alessandria* dava conta do achado do corpo de Teixeira em quatro linhas ao fundo, à esquerda. Sem foto, sem título. O caso de um médico morto no hospital parecia, às seis da manhã, menos urgente do que as eleições autárquicas de Casale Monferrato.

- Ainda ninguém sabe - disse em voz baixa.

Por agora era apenas um médico assassinado num bloco operatório. De Salvo desconfiava dos casos que pareciam já contar-se sozinhos.

De Salvo comprou um café no bar da esquina e bebeu-o de pé ao balcão. O empregado - um homem na casa dos cinquenta, cabelo grisalho e mãos de quem serviu cem mil cafés - não disse nada. Em certos bares do Piemonte o silêncio é um serviço incluído no preço.

A caminho da esquadra, De Salvo passou diante do serviço de ortopedia do hospital. A fita branca e vermelha ainda lá estava. Uma enfermeira que passava olhou para ele, depois baixou os olhos.

Talvez soubesse alguma coisa. Tinha baixado os olhos depressa de mais.

Parou.

- Desculpe.

Ela virou-se. Quarenta anos, cabelo curto, um processo apertado contra o peito.

- Trabalhava com o Teixeira?

- Às vezes.

- Há alguma coisa que me quisesse dizer ontem e não disse?

Um silêncio. Depois:

- Não quero perder o lugar.

- Não é uma promessa que lhe possa fazer - disse De Salvo. - Mas posso prometer-lhe que, se não o disser a mim, vai dizê-lo a outro. E esse outro pode não perceber.

Ela baixou de novo o olhar. Depois, em voz baixa:

- Há três meses, o Teixeira tinha encontrado uma discrepância nos registos de materiais. Faltavam lotes. Fez uma participação interna. O diretor clínico chamou-o e... depois daquele encontro, o Teixeira nunca mais falou do assunto.

- Tinha medo?

- Não parecia. Parecia... decidido. Como se tivesse resolvido alguma coisa.

- Obrigado - disse De Salvo.

Ela afastou-se depressa, de cabeça baixa. De Salvo viu-a desaparecer no corredor. Depois tirou o caderno e escreveu: Diretor clínico - Santa Caterina. E por baixo: Teixeira sabia. Tinha decidido não parar.

O sol ainda estava baixo e pálido, filtrado pelo nevoeiro como através de um papel vegetal. De Salvo enfiou o caderno no bolso e seguiu para a esquadra. Tinha ainda muito que fazer antes de poder voltar para Sissi.

3

O quarto 4

O quarto 4 ficava ao fundo do corredor este do hospital, entre a sala de gessos e o laboratório de radiologia. Um canto de ninguém, onde as paredes amareladas e o cheiro a amoníaco pareciam reter segredos. Lá dentro, a cama estava vazia. O colchão, manchado, guardava ainda a marca do corpo que o tinha ocupado até três horas antes. Era ali que Teixeira dormia, quando não estava de turno.

A enfermeira que o encontrara, Carla Bassi, quarenta e três anos, olhos cavados e mãos de fumadora, fixava um ponto no chão havia dez minutos. Não falava, mas tremia ligeiramente, como se alguém a tivesse deixado ao frio tempo de mais.

- Deu-se logo conta de que havia alguma coisa errada? - perguntou De Salvo.

Ela assentiu, sem levantar o olhar.

- O Teixeira chegava sempre às cinco e quarenta e cinco. Nunca atrasado. Café pingado, dois açúcares, bata lavada. Esta manhã, nada. Bati. Nada. Procurei pelo serviço, e encontrei-o ali... com...

Bloqueou. Marino estendeu-lhe um copo de água, que ela recusou com um gesto mínimo da mão.

- Com quem tinha problemas? - perguntou Marino.

- Com toda a gente - respondeu ela, sem pensar. - Era bom, mas azedo. E sabia demasiadas coisas. Dizia que andavam a acontecer coisas estranhas, materiais fora do prazo, fornecedores fantasma. Mas não confiava em ninguém.

De Salvo virou-se para a janela. A chuva caía fina, teimosa, como se lavasse o Piemonte pedaço a pedaço.

- Quem trata das compras neste serviço? - perguntou.

- O doutor Antonelli. Mas está de férias. Diziam que estava em Roma, num congresso.

Marino levantou uma sobrancelha. De Salvo apontou o nome: Sandro Antonelli. Ali começava outra linha.

Antes de sair, o inspetor deitou um último olhar ao quarto: um cinzeiro a transbordar, uma bata pendurada torta, e uma radiografia esquecida na secretária. Um joelho reconstruído, com um parafuso comprido de mais. Quase como um aviso.

No corredor, Marino fechou o caderno.

- Há aqui qualquer coisa que não me bate certo.

- A mim bate tudo certo - respondeu De Salvo, acendendo outro cigarro. - O Teixeira tinha começado a escavar. E alguém decidiu cobri-lo de terra. Com um martelo.

4

Predosa, casa, noite

Voltou a casa a pé, apesar de ter o carro estacionado por baixo do hospital. Precisava de estrada. Precisava de nevoeiro.

Predosa à noite é uma terra que parece recolher-se dentro de si. As luzes dos cafés apagadas, os portões fechados, o barulho dos próprios passos a ressoar no empedrado como uma pergunta sem resposta. De Salvo conhecia aquele som havia anos.

Sissi esperava-o no peitoril, como sempre. A gata siamesa tinha o hábito de se sentar exatamente ao centro, direita e imóvel, como uma estátua egípcia a julgar o regresso do dono. De Salvo abriu a porta, e ela desceu sem pressa, sem miar, e foi direita à tigela vazia.

- Tu também - disse De Salvo.

Abriu-lhe uma lata de sardinhas - a única coisa que restava. Sissi cheirou-a, ignorou-a com elegância olímpica, e voltou para o cadeirão. De Salvo abriu a garrafa de Dolcetto d'Acqui que guardava no peitoril da cozinha. Estava a meio havia três dias. Pôs um disco: Howlin' Wolf, Smokestack Lightning. O gira-discos rascou os primeiros segundos, depois a voz áspera encheu a sala como fumo.

Sentou-se à mesa. À frente dele, o processo de Teixeira. Poucas páginas. Uma vida reduzida a papel.

Arturo Teixeira, cinquenta e seis anos, chegado de Portugal em 1954, especializado em ortopedia em Turim em 1960. Viúvo. Sem filhos. Um apartamento arrendado em Novi. Nada fora do sítio.

De Salvo pensou que as vidas reduzidas a processo tinham sempre isto em comum: pareciam normais. Também a dele, provavelmente, parecia normal. Inspetor. Divorciado. Sem filhos. Um apartamento grande de mais em Predosa.

Nem sempre tinha sido assim.

Turim, quatro anos antes. Um caso em que não se devia tocar - uma adjudicação na saúde com os nomes errados, as amizades erradas, políticos a telefonar a meio da noite. De Salvo tinha-lhe tocado na mesma.

O superior chamara-o ao corredor:

- Bata com a cabeça na parede, De Salvo. Está a enganar-se na parede.

Tinha saído de Turim com uma transferência «voluntária» e um processo enterrado. O caso morreu. Os arguidos ficaram livres. A mulher com quem vivia - Marta, magistrada, três anos juntos - deixou de lhe atender o telefone duas semanas depois. Não por medo. Por decepção.

- Não perdeste o caso - dissera-lhe da última vez. - Perdeste-te a ti.

De Salvo não tinha respondido. Quatro anos depois, ainda não tinha encontrado a resposta certa.

* * *

Sissi saltou para a mesa. Sentou-se em cima do processo de Teixeira, com a precisão de quem sabe exatamente onde não é chamada.

- Linda - disse De Salvo.

Afastou-a com cuidado. Por baixo, uma nota copiada do caderno de Teixeira: Três implantes - série G. Lotes desaparecidos. Sem registo de entrada.

Alguém tinha feito desaparecer aquelas próteses. Alguém com acesso aos arquivos, com a confiança dos colegas, com as mãos limpas e o coração parado. Teixeira sabia-o. E agora estava morto.

De Salvo ficou acordado até às três. O disco tinha acabado havia horas. Sissi dormia no cadeirão. A garrafa estava vazia.

Antes de apagar a luz, escreveu numa folha uma só palavra: Orenço.

Ainda não sabia por que razão aquele nome lhe voltara à cabeça precisamente naquele momento.

5

Três implantes

O processo estava marcado como confidencial, mas não havia selo oficial nenhum. Só um clipe enferrujado, mal dobrado. Marino tinha-o encontrado no cacifo de Teixeira, atrás de uma pilha de manuais técnicos e relatórios antigos. Lá dentro havia folhas soltas, apontamentos à mão, fotocópias de documentos de compra. Numa dessas folhas havia uma nota a caneta azul:

«*Três implantes - série G*»

e por baixo, rodeado duas vezes:

«*lotes desaparecidos 14-18 - sem rastreabilidade.*»

De Salvo folheava devagar, sentado à mesa de madeira da sala. Lá fora, Predosa estava parada sob um céu baixo. Sissi, a sua gata siamesa, dormia enrolada no cadeirão ao lado. Tinham levado meses a entender-se, mas agora eram cúmplices silenciosos. Ela não falava, e ele não precisava.

Ao lado do cinzeiro, uma garrafa meio vazia de Dolcetto d'Acqui. A rolha deixada de través, como um convite a não parar. No gira-discos, o blues de Howlin' Wolf raspava o ar.

Marino bateu à porta, depois entrou.

- Os implantes da série G não aparecem nos registos de entrada do hospital. Mas chegaram: encontrei um orçamento em nome de uma clínica privada de Tortona. Mesmo fornecedor.

De Salvo não respondeu. Continuava a olhar para uma fotocópia: uma guia com três componentes ortopédicos entregues, mas nunca registados. Nem usados nem devolvidos.

- O Teixeira sabia. E anotava tudo.

- Pois. Mas não teve tempo de falar.

- Chefe. - Marino hesitou. - Encontrei mais uma coisa. Um nome ao fundo de um dos orçamentos. Escrito a lápis, quase apagado.

- Diga.

- Orengo. Carlo Orengo.

De Salvo ficou imóvel três segundos. Depois levantou os olhos de Sissi para o teto, como se estivesse a calcular qualquer coisa.

- Conhece-o? - perguntou Marino.

- Um nome que já ouvi. Há muito tempo. Em Turim.

Não acrescentou nada. O telefone tocou. Uma voz plana, de funcionário, anunciou a notícia:

- Encontrámos outro cadáver.

Marino empalideceu.

- Onde?

- Clínica San Lorenzo. Tortona.

De Salvo levantou-se. Apagou o cigarro no copo do vinho.

- Vamos. A morte começa a fazer barulho.

6

O diretor

O doutor Giancarlo Ferrero era diretor clínico do Santa Caterina havia onze anos. Um homem rigoroso, com a secretária sempre limpa, os papéis em pastas de cores por assunto, a caneta de tinta permanente recarregada todas as manhãs. Tinha o tipo de ordem que não vem do hábito mas do medo: a desordem fazia-o sentir-se exposto.

De Salvo encontrou-o atrás daquela secretária limpa, com as mãos juntas sobre uma folha branca e a expressão de quem já preparou as respostas antes de ouvir as perguntas.

- Inspetor. Sente-se.

- Obrigado. - De Salvo sentou-se sem tirar o sobretudo. Era um gesto deliberado: não tencionava ficar muito tempo, e queria que Ferrero o soubesse.

- A morte do doutor Teixeira foi um golpe para toda a instituição - começou o diretor, com a voz calibrada de quem já disse esta frase três vezes na mesma manhã.

- De certeza - disse De Salvo. - Há três meses, o Teixeira apresentou-lhe uma participação interna sobre irregularidades nos aprovisionamentos de ortopedia.

Ferrero não pestanejou. Era bom.

- Não me recordo do episódio em concreto.

- Chamou-o depois dessa participação. No mesmo dia. O encontro durou vinte e dois minutos.

- Pode ser. Tenho muitas reuniões.

- E depois desse encontro, o Teixeira nunca mais levantou a questão.

- Como lhe disse, não me recordo...

- Doutor Ferrero. - De Salvo pousou as mãos nos joelhos. O tom era plano, quase amigável. - Não estou a acusar ninguém. Estou a recolher informação sobre dois homicídios. O Teixeira foi morto aqui; o Antonelli foi encontrado morto esta manhã em Tortona. Ambos geriam

material ortopédico. Ambos tinham relações com o mesmo fornecedor.

Ferrero ficou imóvel. Mas qualquer coisa se tinha deslocado ligeiramente por trás dos olhos.

- Se tem alguma coisa para me dizer - continuou De Salvo -, é agora. Porque daqui a uns dias faço-lhe as mesmas perguntas com um magistrado ao lado, e nessa altura as respostas terão outro peso.

Silêncio. O tiquetaque do relógio na parede parecia ocupar todo o espaço.

Ferrero abriu a gaveta, voltou a fechá-la sem tirar nada.

- A participação do Teixeira era detalhada. Devia tê-la enviado à direção-geral. Não o fiz.

- Porquê?

- Porque me disseram para não o fazer. - Uma pausa. - Alguém que não era da instituição.

- Um nome?

Ferrero olhou para a gaveta.

- Não posso. - Depois, passado um momento: - Ainda não.

Ferrero voltou a abrir a gaveta. Desta vez tirou de lá um envelope e empurrou-o sobre o tampo, sem lhe largar a mão.

- É uma fotocópia. Uma página só. O resto fica aqui.

De Salvo pegou nele. Não o abriu. Levantou-se.

- Quando estiver pronto, telefone-me. Antes que morra mais alguém.

Saiu. No corredor, Marino esperava-o.

- Como correu?

- Sabe tudo. E tem medo. Mas também tem consciência - é isso que o distingue dos outros.

- Vai falar?

- Mais tarde ou mais cedo, sim. - De Salvo meteu o envelope no bolso interior do sobretudo. - O Teixeira tinha documentado qualquer coisa. O Ferrero guarda os papéis e alguém lhe mandou enterrá-los. Falta perceber porque é que o Teixeira esperou dezassete anos.

- Orenço.

- Orenço.

Saíram para o ar frio de Novi. O céu tinha ganho alguns metros, aquele tipo de melhoria que não muda nada: só põe o cinzento um pouco mais acima. De Salvo acendeu um cigarro e fumou-o em silêncio, a caminho do carro.

Pensava em Teixeira. Um homem que tinha visto a podridão e decidira fazer a coisa certa. Foi calado. E depois foi morto por alguém que tinha visto a mesma podridão e decidira fazer a coisa diferente.

Ainda não sabia qual dos dois tinha razão. Talvez os dois.

O nome da mãe

O corpo do doutor Sandro Antonelli tinha sido encontrado no vestiário da clínica San Lorenzo, estendido ao lado do banco de madeira como um saco desfeito. Ainda trazia as calças verdes de bloco, mas a túnica estava manchada. No peito, uma marca preta, perfeita, deixada por uma sola de borracha. No chão, a poucos centímetros da cabeça esmagada, outro martelo ortopédico. Igual ao que tinham encontrado com Teixeira. A assinatura do assassino.

- Mesma mão. Mesma fúria. Mas também mesma calma - disse De Salvo, ajoelhado junto do cadáver.

Marino fotografava e anotava. No banco ao pé dos cacifos estava uma mala de senhora. Lá dentro: um perfume francês, um maço de cigarros com batom no filtro e um cartão de utente em nome de Luciana Albinoli.

- Conhecida? - perguntou De Salvo.

Marino abanou a cabeça.

- Vejo em Novi.

A mala podia ser de uma colega, de uma amante, ou ter sido deixada de propósito. De Salvo não escolheu nenhuma das três hipóteses.

- Dois médicos, mesmo método. Ambos envolvidos na gestão das próteses ortopédicas. Ambos mortos em espaços fechados, sem testemunhas, sem luta. A mulher deve ter entrado com calma. Talvez ele estivesse à espera dela.

Marino assentiu.

- O Teixeira era azedo, mas o Antonelli... tinha outra fama. Galante, disponível. Um homem que gostava de relações, digamos.

- E alguém gostou dele com um martelo - cortou De Salvo.

Saíram da clínica em silêncio. O céu tinha aberto numa luz baixa, de inverno. Já no carro, De Salvo ficou um

momento parado com as mãos no volante sem ligar o motor.

- Luciana Albinoli - disse. - Nascida em Acqui em 1919. Enfermeira no Santa Caterina até 1974. Falecida no mesmo ano.

- Então o cartão é falso?

- Ou roubado. Amanhã quero saber quem o podia ter e porque é que foi parar ao lado do Antonelli.

Marino esperou. De Salvo parecia estar a perseguir um pensamento, mas não o disse em voz alta. Voltou a ligar o motor.

- Quero o processo completo sobre a Luciana Albinoli. Onde trabalhou, onde morava, quem participou a morte e se tinha família.

- Acha que há ligação com as próteses?

De Salvo olhou para a estrada à frente.

- Ainda não sei. Mas alguém escolheu aquele nome por uma razão. E essa razão está no passado.

A substância

A análise toxicológica ao corpo de Antonelli indicava escopolamina em concentração compatível com uma sedação forte. Não explicava todos os pormenores da cena, mas tornava credível a ausência de defesa e o vazio de memória nas horas anteriores à morte.

Marino leu o relatório em silêncio, sentado na sala de investigações da esquadra.

- Estava atordoado. Reflexos reduzidos, reação quase nula.

De Salvo assentiu, com o cigarro apagado entre os lábios.

- É por isso que ninguém ouviu luta nenhuma.

Um silêncio breve. O barulho do pinga da torneira do lavatório parecia uma tortura.

- O cartão leva-nos a algum lado?

- A uma substituta que apareceu durante uma semana no hospital de Acqui há dois meses. Apresentou-se como Luciana Albinoli, mas a direção não guarda fotografia e o documento anexo é uma fotocópia ilegível. - Marino estendeu-lhe uma folha. - Nenhuma morada verificável.

De Salvo levantou-se. Pegou no sobretudo.

- Vamos falar com a direção. Mas primeiro passamos por minha casa. Tenho de dar de comer à gata.

Sissi esperava-o no peitoril, imóvel como uma estatueta egípcia. Nunca miava. Não ronronava. Mas quando De Salvo abria a porta, entrava decidida e ocupava o cadeirão, como se a dona da casa fosse ela. O inspetor encheu-lhe a tigela com o pouco que tinha. Pão duro e um ovo. Serviu-se de um dedo de Dolcetto d'Acqui e pôs um disco de John Lee Hooker. O blues crepitou baixo, como se mastigasse o silêncio.

Marino observava a cena.

- Vive assim todos os dias?

- Melhor do que a média.

Quando saíram, o céu estava baixo. Novi ia-se recolhendo dentro de si própria, como fazem certas cidades de planície quando o céu desce demasiado.

- E o que é que procuramos, ao certo? - perguntou Marino, a caminho do carro.

De Salvo enfiou as mãos nos bolsos.

- Procuramos uma mulher sem nome que conhece os serviços e escolheu a identidade de uma morta. Por agora chega.

Tornar-se outra pessoa

Génova, 1963. Dois anos depois da morte do pai.

A primeira coisa que Giovanna aprendeu foi a voz. Não o tom - o tom era fácil, bastava baixá-lo meio registo e abrandar as vogais. Foi a cadência. Cada região italiana tem a sua cadência, aquele ritmo subterrâneo que trai a origem mesmo quando as palavras são perfeitas. Luciana Albinoli tinha nascido em Acqui Terme e conservara a lentidão do Monferrato mesmo depois de anos em Génova. Giovanna conhecia aquela cadência desde a infância; durante dois meses voltou ao mercado de Acqui para ouvir mulheres da idade da mãe, até a voz deixar de parecer uma imitação.

A segunda coisa foi o modo de andar. A mãe tinha os ombros ligeiramente curvados, a marca de vinte anos passados a dobrar-se sobre as camas das enfermarias. Giovanna estava habituada a andar direita, de cabeça alta, com o passo rápido de quem tem sempre onde ir. Teve de desmontar tudo e voltar a montá-lo de outra maneira.

Levou um mês só para o passo.

Vivia num apartamento arrendado em Génova, numa rua estreita atrás da estação de Brignole. Tinha arranjado trabalho como empregada de balcão numa farmácia - nada de médico, nada que exigisse documentos oficiais. O farmacêutico era um homem na casa dos sessenta que não fazia perguntas, que era exatamente o que lhe servia.

À noite estudava. Não enfermagem oficial - não podia inscrever-se em curso nenhum com o nome de Luciana sem um documento verdadeiro. Tinha comprado os manuais em segunda mão no mercado do porto: Anatomia clínica, Procedimentos de enfermagem, Farmacologia de base. Lia-os com a mesma atenção com que em miúda lia os romances de aventuras. Só que agora a aventura era real, e o final estava a escrevê-lo ela.

Aprendeu a cirurgia ortopédica por fora, devagar. Primeiro a terminologia: cavilhas endomédulares, placas, parafusos, próteses da anca. Depois os procedimentos: esterilização, registos de armazém, números de lote. Depois, sobretudo, as falhas: onde o sistema confiava de mais, onde ninguém verificava, onde um documento escrito à mão podia passar por oficial.

Ao fim de três anos, sabia mais do que muitos enfermeiros no ativo.

* * *

O momento em que percebeu que estava pronta foi uma manhã de novembro de 1966. Ia a caminhar pela via XX Settembre com o casaco da mãe - tinha-o guardado, era a única coisa que quisera - quando se viu refletida numa montra.

Não se reconheceu logo.

Houve um momento - três, quatro segundos - em que viu uma mulher de meia-idade, cabelo apanhado, passo lento, casaco escuro. Uma daquelas figuras que se veem e não se recordam.

Depois percebeu que era ela.

Parou. Olhou-se demoradamente. Depois sorriu. Não aos outros - a si própria, àquele reflexo que já não era Giovanna mas ainda não era de todo Luciana. Era qualquer coisa intermédia, qualquer coisa construída, qualquer coisa que funcionava.

- Bem - disse em voz baixa.

Recomeçou a andar. Tinha ainda onze anos de trabalho pela frente antes de estar pronta para o primeiro passo a sério. Mas era a primeira vez, desde abril de 1961, que sentia ir na direção certa.

Martíni sem azeitona

O bar chamava-se Blu Notte, mas não tinha nada de noturno. O letreiro estava meio fundido, e o néon azul parecia antes um aviso de perigo. Lá dentro, cheiro a gin, a vidro mal lavado e a aftershave barato. Uma juke-box calava-se havia anos, mas alguém continuava a enfiar-lhe moedas como num rito caducado.

Fora ali que a tinham visto pela última vez. A mulher. Vestida com simplicidade, mas com sapatos caros. Pedia martínis sem azeitona. Nunca duas vezes seguidas no mesmo copo. Falava pouco. Mal sorria.

O empregado era um homem de mãos largas e uma cicatriz por cima do lábio. Chamava-se Gino, mas ninguém lhe chamava nunca pelo nome.

- Luciana? - repetiu, à procura nas memórias como numa gaveta desarrumada. - Sim... talvez. Não era das que dão espetáculo. Era mais... magnética. Um olhar que nos esvazia a cabeça.

- Estava sozinha? - perguntou De Salvo.

- Sempre. Ou melhor: nunca com os mesmos.

- O que é que bebia?

- Martíni seco. Sem azeitona. Uma vez por dia. Sempre à mesma hora. Como um medicamento.

Marino tomava notas. De Salvo olhava para o copo de vidro fosco atrás do balcão.

- Havia nela alguma coisa de estranho?

Gino coçou a têmpora.

- Nela tudo era estranho. Mas parecia normal. É esse o busílis.

Saíram sem dizer mais nada. Lá fora, o nevoeiro tinha-se feito chuva miúda. Uma chuva que não limpava nada. Só mudava a sujidade de sítio.

- Esta mulher brinca com o vazio - disse Marino.

- Não. Conhece-o bem - respondeu De Salvo. - É por isso que está sempre um passo à frente. Porque não tem nada a perder. E quem não tem nada a perder é perigoso.

No bolso interior do sobretudo, De Salvo tinha a cópia de uma guia encontrada no cacifo de Teixeira. Ao fundo aparecia um nome: Paolo Montanaro. Ao lado, o código G-4217-RX e a assinatura de Antonelli. Ainda não sabia se era um doente, um fornecedor ou um erro de transcrição.

Três semanas antes de chegar à clínica San Lorenzo.

Giovanna tinha aprendido que a sedução não é uma questão de beleza. É uma questão de atenção. Os homens como Antonelli - satisfeitos consigo próprios, habituados ao respeito das enfermarias, convencidos de ter uma certa autoridade sobre os corpos dos outros - desfaziam-se diante de uma mulher que os ouvisse a sério. Ou pelo menos fingisse ouvir.

Observara-o durante duas semanas antes de se aproximar. Seguiu-o aos congressos, às sessões de quinta-feira à noite na Ordem dos Médicos, ao bar do hospital onde tomava o café às onze com os mesmos colegas todos os dias. Catalogara-lhe os hábitos com a precisão de um entomologista: a hora da refeição, o tipo de cigarros, a maneira como olhava para as mulheres que entravam na sala.

Tinha-o visto. Antonelli era um daqueles homens que nunca param de avaliar. Olhava para cada mulher que entrava numa sala como se estivesse a decidir qualquer coisa.

Giovanna escolhera com cuidado o que vestir. Nada de vistoso - Antonelli não confiaria em nada de vistoso. Qualquer coisa precisa, controlada, com um pormenor que traísse atenção: um brinco comprido de mais para um ambiente hospitalar, um perfume mal perceptível. Qualquer coisa que dissesse: sei onde estou, mas escolho estar ligeiramente fora do sítio.

Abordara-o no bar, fingindo procurar um documento. Perguntara: «Desculpe, o senhor trabalha em ortopedia?» Com aquela voz - a voz de Luciana, da mãe, que praticamente interiorizara - calma, ligeiramente baixa, com uma cadência do Norte que não denunciava região nenhuma em concreto.

Antonelli iluminara-se.

- Sim, porquê?

- Andava à procura de alguém que me pudesse ajudar com um processo. Sou nova aqui.

Aquela palavra - nova - era uma chave. Funcionava sempre. Os médicos daquele tipo gostavam dos que chegavam: alguém que ainda não sabia as hierarquias, que precisava de ser guiado.

* * *

Foram precisas três semanas.

Três semanas de cafés, de almoços à pressa no refeitório, de conversas que Giovanna conduzia com a delicadeza de quem sabe aonde quer chegar. Antonelli falava de si com uma generosidade que ela achava por vezes patética: os anos de estudo, as publicações, os congressos internacionais. Quase nada perguntava sobre ela. O que tornava as coisas mais simples.

Uma noite - era uma quarta-feira, o hospital estava quase vazio - Antonelli dissera-lhe:

- Hoje há um aperitivo com alguns colegas. Quer vir?

Giovanna sorria.

- Com muito gosto.

No aperitivo pedira água mineral, enquanto ele bebia dois Negroni. Esperara pelo momento em que os outros colegas se levantaram para ir fumar. Depois dissera, baixo, em tom neutro:

- Ouvi falar de certos problemas com os materiais ortopédicos. Próteses não registadas.

Antonelli ficara tenso por um segundo. Só um segundo. Depois voltara a pegar no copo.

- Não sei do que está a falar.

- Claro - dissera ela. - Desculpe.

E mudara de assunto.

Aquela resposta bastara-lhe. O modo como ficara tenso. A rapidez com que voltara a pegar no copo. A escolha de dizer «não sei» em vez de «não é verdade».

Sabia. E mentira com a mesma facilidade com que respirava.

* * *

Na noite anterior ao último encontro, Giovanna estava sentada no apartamento de duas assoalhadas de Novi com o caderno aberto à frente.

Escreveu o nome de Antonelli. Olhou para ele um longo momento. Depois escreveu ao lado:

Cassinou. Sabe que assinou. Não tem intenção de falar.

Fechou o caderno. Abriu a gaveta. Tirou de lá o frasco de escopolamina, subtraído meses antes a um armário farmacêutico durante uma substituição. Verificou o nível. Era suficiente.

Tirou o martelo ortopédico do fundo da mala. Pousou-o na mesa. Olhou para ele um momento.

Não sentia ódio. Verificou o martelo, envolveu o cabo numa gaze e voltou a metê-lo na mala.

Arrumou tudo. Levantou-se. Foi até à janela.

Lá fora, Novi estava silenciosa. As luzes dos candeeiros formavam círculos amarelos no nevoeiro.

- Desculpa, pai - disse em voz baixa.

Não por Antonelli. Por ter de se tornar nesta coisa para fazer o que tinha de ser feito.

Virou-se. Foi para a cama. Adormeceu antes da meia-noite.

O processo clínico em falta

O arquivo em papel do hospital Santa Caterina era um dédalo de estantes metálicas, folhas amarelecidas e capas com etiquetas escritas à mão. Um sítio fora do tempo, onde o pó tinha a mesma espessura do silêncio. Marino tossiu mal passou a porta. De Salvo ignorou-o.

Procuravam o processo clínico de Paolo Montanaro, morto dezassete anos antes por «complicações pós-operatórias». Uma fórmula tão vaga quanto útil a quem tem alguma coisa a tapar.

O ficheiro estava dividido por ano e mês. Abril de 1961. Fratura do fémur esquerdo. Material de osteossíntese implantado: série G.

Mas o processo completo não estava lá. Só uma cópia da ficha de admissão e uma folha solta com um número de série: G-4217-RX. Nenhum relatório cirúrgico. Nenhuma assinatura do médico assistente.

Marino ia verificando os maços um a um.

- Mas onde caralho foi isto parar?

- Não foi parar. Foi feito desaparecer - disse De Salvo. - Alguém não queria que se soubesse com que prótese o operaram.

- E porquê?

De Salvo levantou devagar o olhar.

- Porque aquela prótese nem sequer devia estar ali.

Ao fundo da folha de admissão havia uma assinatura curta: G. Montanaro. A letra era miúda, esbatida de mais para se ler o nome por inteiro. De Salvo mandou fotografá-la.

- Uma parente? - perguntou Marino.

- Talvez. Primeiro encontramos o registo civil.

Sissi, nessa noite, comeu em silêncio debaixo da mesa da cozinha. De Salvo não tinha fome. Só mais um copo de Dolcetto e um disco velho de Muddy Waters que arranhava as notas como uma faca.

13

O que o blues toca

Voltou a casa às onze. Sissi estava no cadeirão, enrolada sobre si própria como uma ânfora. Não abriu os olhos quando ele entrou - só mexeu as orelhas, aquela rotação milimétrica que era a sua maneira de dizer: sei que és tu, não é preciso todo este teatro.

De Salvo tirou o sobretudo. Pendurou-o torto, como sempre. Serviu-se de um copo de Dolcetto. Abriu o gira-discos.

Houve um momento, a folhear os discos, em que parou num que não punha havia muito: Bessie Smith, The Empress. Tirou-o da capa com cuidado. O vinil estava riscado de um lado, mas o som aguentava.

Marta chamava-lhe música triste. De Salvo respondera-lhe que não era tristeza, era conhecimento. Ela revirara os olhos. Quatro anos depois, aquele esgar ainda lhe vinha à cabeça.

Pôs o disco. Bessie Smith atacou com Down Hearted Blues: uma voz que não pedia nada, não se queixava de nada. Registava. Como uma testemunha.

De Salvo sentou-se à mesa com o copo e o processo. Mas não abriu o processo. Ficou a ouvir.

O blues tinha aquilo: não te dizia como estavas. Dizia-te como estavam as coisas. Havia uma diferença enorme. Os teus sentimentos eram irrelevantes diante da voz de Bessie Smith - o que contava era o facto: alguém tinha perdido alguma coisa, alguém tinha sofrido, alguém tinha continuado na mesma. Não por ser forte. Por não haver mais nada a fazer.

Pensou em Giovanna.

Não era a primeira vez que pensava nela fora do caso, fora da lógica da investigação. Pensava nela como pessoa, não como suspeita. Uma rapariga que perdera o pai aos dezassete anos e levava dezassete anos a responder. A

mesma quantidade de tempo - como se a dor precisasse de se espelhar.

Sissi desceu do cadeirão. Caminhou até à mesa com aquela lentidão de rainha que sempre teve. Sentou-se ao lado do copo de vinho e ficou a olhar para ele.

- Não - disse De Salvo.

Ela enfiou-lhe uma pata dentro na mesma, depois retirou-a e lambeu-se com o ar de quem fez uma avaliação técnica, não uma brincadeira.

De Salvo riu-se. Era a primeira vez que se ria numa semana.

Depois abriu o processo.

* * *

Em cima da mesa deixou a fotocópia do cartão de Luciana Albinoli. Uma morta cujo nome continuava a andar pelos corredores. Porquê ela? E quem tivera acesso aos documentos dela?

De Salvo tinha a fotocópia na mão. Bessie Smith ainda cantava. Lá fora, o vento batia a persiana do segundo andar - uma persiana que precisava de arranjo havia anos e que ele continuava a adiar.

Não era uma explicação. Era uma porta entreaberta. Pousou a folha. Acabou o copo. Foi para a cama.

Sissi seguiu-o. Instalou-se aos pés da cama com a eficiência de quem tem lugar marcado e o ocupa sem discussões.

De Salvo apagou a luz.

No quarto às escuras, ainda ouviu durante uns minutos o eco da voz de Bessie Smith - não as palavras, só a cadência. Aquilo que sabia sempre que punha blues: a música não resolve nada. Mas diz que as coisas que te pesam são reais. E que não és o único a carregá-las.

Na manhã seguinte, o ar sabia a terra molhada e a tabaco apagado. De Salvo conduzia devagar em direção a Tortona, com o rádio desligado e a cabeça pesada. Não tinha dormido. Não por causa da investigação, mas pelo peso dos silêncios. Os silêncios de Sissi, que se aninhava cada vez mais perto. Os silêncios dos mortos, que já não podiam dizer onde é que doía.

Tinha relido pelo menos cinco vezes os apontamentos de Marino. Sempre as mesmas palavras:

«Série G - entradas não registadas em três hospitais. Antonelli aparece em duas guias.»

E sempre o mesmo vazio: nenhum controlo, nenhuma participação, nenhuma responsabilidade.

Na direção clínica de Tortona, o diretor recebeu-os com as frases habituais, pré-fabricadas: «profundo pesar», «excelente profissional», «colaboração total». Mas quando pediram a lista completa dos fornecedores de próteses do serviço de ortopedia, as coisas ficaram opacas.

- O doutor Antonelli geria as compras com autonomia, pelo menos no que toca a materiais especializados - disse o dirigente, sem nunca olhar De Salvo nos olhos.

- Com que critérios?

- Não temos conhecimento de irregularidades. Mas podemos aprofundar.

- Aprofundamos nós. Com um mandado.

No corredor do gabinete de aprovisionamentos, Marino encontrou um bloco de apontamentos velho entalado atrás de um armário de gavetas. Na capa havia a marca de um sapato. Lá dentro, nomes de doentes e códigos de implantes. Alguns riscados. Outros rodeados.

Montanaro estava rodeado a vermelho. Ao lado, uma data: 11 de abril de 1961. E por baixo, três letras:

CC. O.

Marino fixou a sigla.

- Carlo Orengo?

De Salvo não respondeu. Mas o maxilar ficou rijo.

O nome voltava havia anos. Um antigo dirigente da saúde, com amizades políticas e as mãos em todo o lado. Nunca investigado, nunca tocado. Um homem invisível, mas presente como o pó nos pulmões. Um nome que fazia desaparecer processos. E aparecer materiais não registados em blocos operatórios públicos.

- Se C. O. for mesmo ele, estamos metidos nisto até ao pescoço - sussurrou Marino.

- Não. Por agora temos uma sigla e um morto esquecido. Já chega.

A esquadra tinha uma sala de reuniões que usavam duas vezes por ano: para as reuniões com a Prefeitura e para os casos que precisavam de um espaço físico. De Salvo requisitou-a por uma semana.

Na parede comprida, colados com fita-cola, estavam onze papéis. Fotografias, nomes, datas, setas a caneta. Era o tipo de trabalho que no cinema parecia muito mais arrumado: na realidade era papel amarrotado, rasuras, setas redesenhadas três vezes.

Marino chegou com dois cafés e sentou-se. Olhou para a parede.

- Parece um leilão de beneficência que correu mal.
- Funciona na mesma - disse De Salvo.

A estrutura era esta: ao centro, o fornecedor. Uma sociedade chamada Ortholab Sistemi, com sede social em Lugano e sede operacional em sítio nenhum em concreto. Vendia próteses de proveniência não certificada - materiais vindos da Europa de Leste, provavelmente Roménia ou Checoslováquia, reembalados com documentação falsificada.

Por baixo da Ortholab, três linhas: Teixeira, Antonelli, Cattaneo. Cada um tinha assinado, em anos diferentes, a entrada de lotes da série G nos armazéns dos respetivos hospitais. Nenhum verificara nunca a proveniência.

Por cima da Ortholab, um nome só, escrito a vermelho porque ainda não havia provas diretas: Carlo Orenco.

- O Orenco nunca assinou nada de próprio punho - disse Marino. - Mas temos um antigo fiel de armazém que diz tê-lo visto ir buscar os volumes em pessoa. E temos o bloco de apontamentos com as iniciais dele ao lado de Montanaro.

- Chega para um mandado?

- Com o que temos agora, talvez. Mas um advogado desmonta-o em meia hora.

De Salvo levantou-se e acrescentou uma seta. Traçou-a de Orengo para um nome que escrevera em baixo, quase fora da folha: Senador Luigi Brega. Um político de longo curso, já no terceiro mandato, com interesses em Acqui e em Asti.

- O problema é este - disse. - O Orengo não está sozinho. Tem uma rede política que protege a rede da saúde. Se carregamos com força de mais em baixo, a pressão sobe e tudo bloqueia lá em cima.

Marino tamborilou os dedos na mesa.

- Então o que é que fazemos?

De Salvo olhou para os nomes e para as setas. Pensou no caso de Turim, dado em nada quatro anos antes.

- Construímos o percurso dos documentos: quem comprou, quem recebeu, quem assinou. Sem atalhos.

- E a mulher?

- Procuramo-la por dois homicídios. Perceber o móbil não é absolvê-la.

Marino assentiu. Abriu o caderno. Voltaram ao trabalho.

Na manhã seguinte, De Salvo encontrou em cima da secretária um envelope sem remetente. Lá dentro, uma fotocópia do contrato entre a Ortholab Sistemi e o Santa Caterina, assinado por Antonelli. À margem: a sigla C. O. e uma data.

Não chegava para identificar Orengo, mas indicava onde procurar. De Salvo entregou-a à Científica para perícia caligráfica.

Andrea e a filha do veterinário

Andrea Marino tinha o hábito de cortar o cabelo de quinze em quinze dias, sempre no mesmo barbeiro da via Roma. Era um homem arrumado, rigoroso, de camisas passadas a ferro e gravatas que pareciam saídas de um anúncio de 73. Também a maneira de viver o amor era meticulosa: Valentina Maresca, vinte e nove anos, professora primária e filha do veterinário municipal. Uma rapariga meiga, mas com a têmpera de quem cresceu entre animais e pais autoritários.

O pai não aprovava a relação.

- Polícia não é uma profissão, é um destino. E um destino não o quero para a minha filha - dissera uma vez, a fixar Marino com olhos de pastor maremano.

Nessa noite, Andrea estava em casa dela. Jantavam em silêncio. Polenta e carne guisada. O rádio debitava um noticiário. O caso Teixeira continuava classificado como «facto interno ao meio hospitalar».

- Estás bem? - perguntou Valentina.

Andrea olhou para ela. Tinha os olhos cansados, o colarinho sujo de tabaco e mãos que não conseguiam estar quietas.

- Não sei - disse. - Está tudo tão... podre. E mesmo assim ninguém diz nada.

Contou-lhe só uma parte: os dois médicos mortos, os materiais entrados sem registo, a mulher que usava o nome de Luciana Albinoli.

Valentina ouviu-o em silêncio. Depois disse:

- Achas que a vão apanhar?

- Não sei. Se calhar não quer ser apanhada. Se calhar só quer que se saiba.

- E vocês o que fazem com alguém que só quer que se saiba?

Marino não respondeu. Ficou com o garfo a meio do ar, os olhos no prato.

Valentina baixou a voz:

- Estás a fazer-te mal, Andrea. Não no sentido físico. Quero dizer... estás a começar a perceber as razões dela?

- Não é perceber as razões dela - disse ele devagar. - É que não consigo deixar de as perceber.

Nessa noite, enquanto ela dormia, Marino ficou acordado no sofá da sala. Lá fora, Predosa estava silenciosa. Lá dentro, tinha o caderno sobre os joelhos, mas não escrevia. Pensava.

A quarenta quilómetros dali, uma mulher preenchia um impresso de admissão no hospital de Alessandria. Nome declarado: Luciana Albinoli. Serviço pretendido: ortopedia.

No espelho da casa de banho das senhoras, ajeitou o cabelo, pôs um batom vermelho apagado e sorriu. Mas não aos outros. Só ao vazio que trazia consigo. Era o sorriso de quem tem uma lista. E poucos nomes por riscar.

O homem das luvas de cabedal

No dia seguinte, De Salvo foi ter com um velho informador. Chamava-se Renzo Maffei, tinha setenta e três anos e morava no segundo andar de um prédio cinzento da via Cavour, em Novi. Fora guarda-livros de uma farmacêutica durante trinta anos, depois começara a falar com a polícia. Agora bebia grappa e esperava a morte com a paciência de quem já não tem pressa.

De Salvo levou meio quilo de carne picada e uma garrafa de barbera. Renzo abriu a porta de pijama.

- Eu sabia que havias de vir - disse. - Senta-te.

A cozinha era pequena, arrumada, com um gato cor de laranja adormecido em cima do frigorífico. De Salvo reparou que tinha o mesmo olhar de Sissi: indiferente e ao mesmo tempo atento a tudo.

- Conheces o nome Carlo Orenco? - perguntou De Salvo.

Renzo abriu a garrafa sem responder. Encheu dois copos. Empurrou-os pela mesa.

- Orenco. - Repetiu o nome como se o pesasse. - Coordenador clínico. Consultor externo. Na verdade: o centro de uma rede. Fornecedor, selecionador, intermediário. Nunca assinava nada de forma direta. Passava tudo pelos médicos.

- Os médicos mortos.

- Pois. Teixeira, Antonelli, Cattaneo. Conheci os três. Bons profissionais. Mas certos nomes chegam com pressões atrás. O Orenco sabia fazer pressão.

- Que tipo de homem é?

Renzo bebeu.

- Um que nunca levanta a voz. Não precisa. Bem vestido, cabelo grisalho, luvas de cabedal mesmo no verão. Tem aquilo de certos homens que nunca sujam as mãos - porque sabem sempre a quem delegar.

- Onde está agora?

- Tem uma vivenda fora de Acqui. E uma segunda casa em Turim. Não se aproxima de hospitais há anos. Mas a rede ainda lá está. Muda de forma, não desaparece.

De Salvo levantou-se. Acabou o copo.

- Obrigado, Renzo.

- Não me agradeças. Diz-me antes que desta vez vais até ao fim.

- Depende de onde está o fim.

- O fim - disse o velho - é quando tens as provas na mão e tens de escolher o que fazer com elas.

De Salvo não respondeu. Lá fora, o céu estava baixo e amarelo, aquele amarelo sujo que precede o granizo.

O terceiro golpe

O corpo foi encontrado no depósito de esterilização do hospital de Alessandria. Nenhuma testemunha. Nenhum guarda no corredor. Nenhum ruído. Só um cheiro ferroso, e o silêncio.

Doutor Renato Cattaneo. Último turno: 20h00. Último doente: alta regular. Última assinatura: em falta.

Estava estendido num carro da roupa suja, entalado entre dois sacos cheios de campos cirúrgicos. Crânio aberto, pancada seca e precisa na nuca. O martelo estava ali ao lado, igual aos outros dois. Mesmo modelo. Mesmo gesto.

Mas desta vez havia mais uma coisa. Um papel dobrado, enfiado por baixo do cinto do morto. Escrito à mão:

«Três homens. Um protocolo. Nenhuma piedade.»

De Salvo observava a cena com um incómodo mais velho do que a raiva. Tinha deixado de fumar naquela manhã. Por opção. Mas já estava arrependido.

- Cattaneo? - perguntou Marino.

- Terceiro responsável pelos aprovisionamentos de ortopedia. A assinatura dele aparece em duas entregas da série G. Uma ficha remete para Montanaro.

Marino olhava para ele.

- Também ele sabia. E calou-se.

De Salvo assentiu.

- Sabia que aqueles lotes não estavam registados. Falta provar o que é que sabia sobre o Montanaro.

Marino recolheu o papel com uma pinça. Meteu-o num envelope.

- Três mortos. Achas que acabou?

De Salvo virou-se para a porta.

- Não. Na lateral do meu carro já está o próximo nome.

Saíram para a chuva. Na lateral do carro do inspetor, riscado com um objeto pontiagudo, lia-se um só nome: Orengo.

Marino chegou a casa às dez da noite. Valentina não estava: tinha deixado um bilhete na mesa da cozinha - «Estou em casa da minha mãe, volto amanhã» - com um tom que não era explicação mas comunicação de um facto. O tipo de mensagem que se deixa quando se deixou de esperar que o outro esteja presente.

Sentou-se no sofá sem tirar o sobretudo. Ficou assim cinco minutos.

Em cima da mesa, ao lado do bilhete de Valentina, tinha pousado o caderno. Aquele com os apontamentos do caso. Capa preta, páginas brancas, a letra regular que usava para o trabalho. Abriu a última página.

Três nomes. Três mortos. Um quarto nome riscado na lateral de um carro.

Leu as suas próprias palavras e deu-se conta de que estavam cada vez mais secas. Menos adjetivos, menos pormenores técnicos. Como se a sua língua estivesse a aprender a não dizer tudo o que pensava.

O que pensava era isto: Giovanna Albinoli tinha uma razão.

Não o tinha escrito em lado nenhum. Não o tinha dito a De Salvo. Mas estava ali, dentro, como um corpo estranho que não conseguia expelir. Teixeira, Antonelli e Cattaneo tinham aberto a porta a materiais não registados. Talvez tivessem usado doentes do público como cobaias; talvez se tivessem limitado a não fazer perguntas. Nos dois casos, ninguém lhes tocara nunca.

E agora estavam mortos.

A morte perturbava-o menos do que a lógica que estava por trás. E do que o facto de Marino não conseguir refutá-la.

Levantou-se. Foi à cozinha. Abriu o frigorífico: meia sandes, uma cerveja, um recipiente com polenta de três dias. Pegou na cerveja. Voltou para o sofá.

Bebeu devagar, a olhar para o teto.

As próteses da série G tinham atravessado as regras sem serem incomodadas. Hospitais públicos, corpos de doentes do público, assinaturas de médicos públicos. E regra nenhuma tinha funcionado.

Só os homicídios tinham obrigado toda a gente a olhar. Era isto que Marino não conseguia perdoar ao sistema.

Marino acabou a cerveja. Pousou a garrafa no chão. Abriu o caderno na última página limpa e escreveu uma só frase:

CO que faço com aquilo que sei?

Ficou a olhar para ela um longo momento. Depois riscou-a com três traços horizontais, tão firmes que a caneta quase furou o papel.

Fechou o caderno. Foi para a cama. Não dormiu.

* * *

Na manhã seguinte, chegou à esquadra meia hora antes de De Salvo. Sentou-se à secretária e abriu o processo das próteses da série G. Já o lera sete vezes. Releu-o.

Quando De Salvo chegou - sobretudo molhado de nevoeiro, café na mão, cigarro já aceso -, Marino olhou para ele e disse:

- Há uma coisa que não bate certo.

- Diz.

- O Orengo continua livre. Tem coberturas. Mesmo que cheguemos a ele com provas, os advogados dele ganham mais num mês do que nós em três anos.

De Salvo sentou-se.

- Eu sei.

- E então?

- Então fazemos o nosso trabalho. E esperamos que o sistema funcione.

- Acredita nisso?

Uma pausa. De Salvo olhou para a chávena de café.

- Não. Mas é a única coisa que sei fazer.

Marino assentiu devagar.

- Também eu - disse. Ainda que não fosse de toda verdade.

A doente de Turim

No registo era apenas a doente 21: uma inicial no lugar do apelido, sem familiares, sem história clínica completa. Tinha sido operada de urgência numa clínica privada de Turim, a San Luca, a uma fratura múltipla da bacia. A intervenção, de março de 1977, fora feita por uma equipa mista. Já não era possível localizar nenhum dos três cirurgiões: dois estavam de licença, um fora transferido para a Calábria. Ninguém respondia às perguntas. Ninguém tinha assinado o impresso de implante.

Marino cruzara a ficha comparando à mão números de lote e guias de armazém. O código pertencia à mesma série anotada no processo Montanaro.

De Salvo fixava a folha entre os dedos, sentado no carro estacionado em Turim, motor desligado, chuva no para-brisas. Sissi estava em casa, sozinha. O disco que ele deixara no gira-discos estava parado na terceira faixa: Blues Before Sunrise.

- Queres dizer-me que há uma doente viva com uma prótese não conforme no corpo e ninguém deu por isso? - perguntou De Salvo, o tom mais seco do que o costume.

- Não só viva. Como teve alta. Duas semanas depois. Sem complicações aparentes.

- Nome?

- Clara M. Sem apelido completo. Documento não fotocopiado. Morada falsa.

- Uma cobertura?

- Ou um teste. Uma cobaia.

De Salvo aumentou a velocidade do limpa-para-brisas.

- Pode ser uma experiência sem consentimento. Ou um implante fora de registo tapado depois da operação.

Marino não respondeu. Mas o silêncio dele era mais eloquente do que qualquer palavra.

- Quem aparece nos papéis do Montanaro? - perguntou o inspetor.

- Teixeira, Antonelli e Cattaneo. Todos mortos. E uma sigla à margem nas guias: C. O.

- Orenço.

- Se a perícia caligráfica o confirmar.

De Salvo baixou a cabeça. Lá fora, Turim parecia encolher debaixo da chuva. Os prédios, as ruas, as placas dos consultórios. Uma cidade cheia de gente que não sabia nada, ou que tinha decidido não saber.

- Então está na hora de irmos ver o nosso espectro.

O fantasma da piazza Statuto

Carlo Orengo morava num prédio da piazza Statuto, quarto andar, janelas para o lado do jardim. Sabiam-no havia tempo, mas ainda não tinham um motivo legal para se aproximar. Tinham vindo olhar.

De Salvo estacionou do outro lado da praça. Tirou a garrafa-termo, abriu-a, deitou o café na tampa e bebeu-o sem tirar os olhos do portão.

- A brigada viu-o sair duas vezes numa semana - disse Marino, a folhear o caderno. - Compras e um jantar no Cambio. Sempre sozinho. Nenhum encontro registado.

- Está à espera.

- De quê?

De Salvo apontou o portão com um movimento de cabeça.

- De perceber se chegámos a ele. Sabe que a mulher se está a aproximar. Sabe que nós estamos a subir a cadeia. Está à espera de perceber quem chega primeiro.

- E nós?

- Nós não lhe podemos tocar. Ainda não. Não sem provas diretas. Tem coberturas em todo o lado.

O portão abriu-se. Um homem na casa dos sessenta, gabardina bege, pasta de cabedal, luvas de cabedal mesmo com sol. Caminhava direito, com a lentidão de quem sabe que o passeio é seu.

De Salvo seguiu-o com os olhos sem se mexer.

- É ele - disse Marino em voz baixa, apesar de estarem dentro do carro.

Orengo atravessou a praça sem olhar em redor. Entrou num café, saiu com um jornal, ficou três minutos sentado num banco de jardim. Depois voltou a entrar.

- Não levantou o olhar uma única vez - disse De Salvo.

- Porquê?

- Porque não espera perigos ao nível do passeio. Não os espera há trinta anos. É um homem habituado a ser intocável.

Marino viu o portão fechar-se.

- Temos de esperar que ela chegue até ele?

De Salvo voltou a enroscar a tampa da garrafa-termo.

- Não. Temos de lá chegar primeiro. Mas construir o caso de maneira que aguento.

Arrancaram em silêncio. Na rádio, o noticiário das doze. Nada sobre o caso. Nada sobre Giovanna. Como se não existisse.

De Salvo desligou a rádio.

* * *

Fez a coisa errada às quatro da tarde.

Estavam no carro, parados no semáforo da via Rattazzi. Marino ia a ler o caderno. De Salvo tinha na mão o número de casa de Orengo - encontrado na lista telefónica, legal, banal. Tinha pensado passá-lo à procuradoria de Alessandria. Em vez disso marcou o número.

Três toques. Depois a voz do empregado doméstico:

- Residência Orengo.

- Inspetor De Salvo, esquadra de Novi Ligure. Diga ao doutor Orengo que vamos ter com ele amanhã de manhã para algumas perguntas de rotina.

Desligou.

Marino baixou o caderno. Olhou para ele.

- Porque é que fizeste isso?

De Salvo não respondeu logo.

- Para ver como reage.

- Agora sabe que estamos a subir na direção dele.

- Já sabia.

- Agora sabe-o oficialmente. Agora pode mexer-se.

De Salvo voltou a ligar o motor.

- Ou pode enganar-se.

Marino não disse mais nada. Mas abriu o caderno e escreveu uma linha que não mostrou a ninguém.

Tinha razão ele, não De Salvo. E De Salvo sabia-o.

O nome que faltava

Era mais de meia-noite quando De Salvo encontrou o que procurava.

Passara três horas a folhear os registos de pessoal hospitalar do Baixo Piemonte, anos de 1960 a 1975: listas poeirentas, nomes mal fotocopiados, tinta esbatida. Marino dormia no sofá da sala de investigações, de sobretudo vestido. Sissi estava em casa à espera.

De Salvo tinha começado pelo fim - pela morte de Luciana Albinoli, 1974 - e ia a subir.

Enfermeira. Serviço de ortopedia. Hospitais de Acqui Terme, depois Novi Ligure, depois Santa Caterina. Anos de trabalho nos serviços que ele andava a estudar havia semanas. Presente. Discreta. Nunca assinalada.

Depois: 1974. Óbito por tumor. Fim.

De Salvo ficou parado sobre a ficha. Alguma coisa não batia certo. Não no documento - o documento estava limpo - mas na sequência dos acontecimentos.

Abriu outra pasta. Rodeou a rubrica «familiares» na ficha de Luciana. Havia dois nomes: o marido, Paolo Montanaro, morto em 1961; a filha, Giovanna Montanaro, nascida em Predosa em 1944. Uma nota posterior registava o apelido materno adotado pela rapariga depois da maioridade: Albinoli.

De Salvo pousou a caneta na mesa.

Levantou-se. Foi até à janela. Lá fora, Novi dormia.

Giovanna. G. A.

De Salvo abriu o processo de Paolo Montanaro: pedreiro, internado a 9 de abril de 1961 por uma fratura do fémur, morto a 11 por embolia. Ao auto de admissão estava anexada a folha com a assinatura esbatida: G. Montanaro.

Giovanna tinha dezassete anos.

De Salvo fechou os olhos. Voltou a abri-los. Olhou para a folha. Olhou para a outra folha. Olhou para a sigla G. A. ao fundo da carta anónima.

- Marino.

Marino mexeu-se no sofá.

- Mm.

- Acorda.

Marino abriu os olhos. Viu a cara de De Salvo. Sentou-se de repente.

- O que se passa?

De Salvo virou as duas folhas para ele. Pousou-as na mesa, lado a lado. Marino leu-as. Uma vez. Duas vezes. Depois levantou o olhar.

- O pai dela.

- Sim.

- O Montanaro era o pai dela.

- Sim. Sabia quem era o morto. Não sabia de quem era pai. Em 1961 a série G aparece no processo dele e nas entregas recentes da Ortholab. Ainda não sabemos se é o mesmo modelo ou um código reutilizado.

Marino passou uma mão pela cara.

- A Luciana trabalhava em ortopedia. Viu o marido morrer e guardou os papéis.

- Se calhar tentou falar. Vamos procurar queixas, cartas, qualquer rasto.

Silêncio.

- A Giovanna tinha dezassete anos - disse Marino baixo.

- Dezassete. E esperou dezassete anos antes de começar. - De Salvo olhou para a janela. - A mesma quantidade de tempo. Como se a conta tivesse de ser saldada por igual.

Marino ficou a fixar as folhas em cima da mesa.

- E a filha a usar o nome da mãe. Era isto que ela queria dizer com o cartão de utente.

- Escolheu o nome da mãe para entrar nos serviços ligados à morte do pai.

De Salvo voltou a meter as folhas na pasta. Levantou-se. Vestiu o sobretudo.

- Onde vais? - perguntou Marino.

- Para casa. Preciso de pensar sem cheirar a fotocópias.

Saiu. No corredor às escuras da esquadra, parou um momento diante do placard com as escalas do mês. Olhou sem ler.

Pensou: uma rapariga de dezassete anos que vê o pai morrer numa cama de hospital. Depois vê a mãe morrer. Depois encontra uma folha com um número de série. Depois espera.

Pensou: quanto tempo é preciso para nos tornarmos aquilo em que ela se tornou.

Depois saiu para o frio.

Giovanna tinha dezassete anos no dia em que o pai deu entrada no hospital. A história de como lá foi parar começa antes, na pedreira de Predosa, numa terça-feira de manhã, em abril.

Paolo Montanaro caiu do andaime do segundo nível. Não houve sequer um grito: só o ruído surdo de um corpo a bater no cimento. Os colegas apanharam-no à pressa, meteram-no numa carrinha, levaram-no às urgências de Novi.

Giovanna estava na escola quando chegou o telefonema. Chamaram-na ao gabinete do diretor com aquele ar que os adultos usam quando têm de dizer coisas más às crianças: voz baixa, mãos juntas em cima da mesa, olhar de lado.

- O teu pai teve um acidente. Está no hospital. Não é grave.

Não era grave. Repetiu-o a secretária, repetiu-o a professora de italiano que a acompanhou até à entrada, repetiu-o o médico de serviço que a recebeu no corredor das urgências com a mesma voz que se usa para as crianças e para os velhos.

Não era grave.

* * *

O pai estava na cama quatro do serviço de ortopedia. Uma perna suspensa por um sistema de roldanas, o rosto pálido, os olhos abertos fixos no teto. Quando a viu, tentou sorrir.

- Vieste.

- Claro que vim. - Sentou-se ao pé dele. Pegou-lhe na mão - aquela mão enorme, gretada de cal, com os calos duros como pedra. - Como estás?

- Vou-me governando. Uma pancada no fémur. Dizem que tenho de ser operado.

- E depois ficas bom?

- Depois fico bom.

Estava seguro. Estava convencido. Naquele hospital público, com aqueles médicos de bata branca, com aquela máquina que parecia funcionar, não tinha motivo para duvidar. Era 1961. Confiava ainda nas instituições como se confia numa parede-mestra.

Giovanna olhou para ele e confiou com ele.

* * *

A operação estava marcada para 10 de abril. Giovanna esperou à porta do bloco durante três horas, numa cadeira de madeira, com uma revista sobre os joelhos que não leu.

Às 14h30, o médico saiu. Um homem na casa dos cinquenta, bata verde, máscara descida sobre o queixo. Olhou para ela com a expressão de quem já disse isto mil vezes e sabe que nunca será suficiente.

- É filha dele?

- Sou.

- A operação correu bem. Vamos mantê-lo em observação esta noite. Amanhã pode vê-lo.

Giovanna voltou para casa, comeu qualquer coisa, não conseguiu dormir. Na manhã seguinte chegou às seis.

O pai tinha morrido às três da madrugada.

* * *

- Embolia - disseram-lhe. - Uma complicação, infelizmente. Ninguém podia prever.

Giovanna não percebia. Repetia sem parar:

- Mas ontem ele disse-me que estava bem. O médico disse-me que ele estava bem.

Ninguém respondeu.

Os documentos foram-lhe entregues num envelope de papel castanho. Estava lá a certidão de óbito, a nota de alta, uma folha com o número de lote da cavilha femoral implantada: G-4217-RX. Giovanna teve-a na mão um minuto inteiro, sem perceber o que significava. Depois enfiou-a na mala.

Durante meses não pensou nisso. Estava de luto, trabalhava, tentava seguir em frente.

Um ano depois encontrou entre os papéis da mãe uma cópia a papel químico de uma carta que nunca dera

entrada. Luciana contestava a proveniência do lote G-4217-RX e perguntava porque tinha sido usado sem registo de armazém. Ao fundo, a lápis, alguém tinha escrito: arquivar.

Giovanna comparou o código com a folha entregue depois da morte. Era o mesmo.

* * *

A partir desse momento, Giovanna deixou de esperar que alguém fizesse alguma coisa. Passou a fazê-lo ela.

As luvas de látex

As luvas estavam no fundo do saco cinzento dos resíduos hospitalares. Ninguém teria dado por elas se Marino não tivesse virado o contentor. Látex claro, tamanho pequeno, dobradas com cuidado. Sem manchas. Sem cheiro. Só um pormenor: sob o anelar direito, uma fibra de algodão vermelha.

De Salvo fixava-a sem dizer nada.

- Não é sangue. É tecido - disse Marino.

- Tecido de mulher. Vestido. De noite, talvez. Incompatível com o meio hospitalar.

O laboratório apurou apenas que era uma fibra têxtil vermelha, não pertencente às fardas do serviço. Era pouco, mas ligava as luvas a uma roupa exterior ao hospital.

No refeitório da esquadra, De Salvo sentou-se diante de uma chávena de café velho e de uma sandes de côdea mole. Não comeu. Sissi esperava-o. Tinha deixado a janela entreaberta, e uma tigela com anchovas e pão. Ela detestava anchovas. Mas naquela noite comia-as na mesma.

Marino chegou com um envelope: lá dentro, uma carta anónima. Entregue diretamente na esquadra.

«As vossas mãos ainda estão limpas. As minhas já não. Três culpas, três condenações. Mas há um mandante. Há sempre um mandante. Ele assinou. Eu executei.»

Ao fundo da página, uma sigla: G. A.

De Salvo leu duas vezes e entregou a carta para perícia caligráfica.

- Não foge. Não se esconde. Acompanha-nos. Quer que cheguemos a ele.

- Carlo Orengo - disse Marino.

- Sim. E quer levar-nos até ele antes de lá chegar sozinha.

Clara Merli, quarenta e dois anos, professora primária em Valenza. Encontraram-na após seis dias de pesquisa. Em março de 1977, a clínica San Luca de Turim operara-a a uma fratura múltipla da bacia. Teve alta duas semanas depois. Nenhum seguimento registado.

De Salvo e Marino encontraram-na num apartamento da via Mazzini, com sardinheiras na varanda. Abriu com a desconfiança de quem sabia que as más notícias chegam em pessoa.

Tinha um andar ligeiramente assimétrico. De Salvo reparou logo.

Na sala, um gato cor de laranja no sofá e cadernos por corrigir na mesa. Uma vida arrumada, atravessada por alguém sem licença.

- Senhora Merli - disse De Salvo -, investigamos próteses ortopédicas não conformes distribuídas no Piemonte entre 1975 e 1978. A sua operação na San Luca cai nesse período.

Clara olhou para as mãos.

- Alguma vez teve problemas relacionados com o implante?

Uma pausa.

- Depende do que entende por problemas.

- Dores persistentes. Assimetria na marcha. Necessidade de novas operações.

- Tenho dores desde a alta. - A voz era plana, de quem repetiu as mesmas palavras a demasiados médicos e deixou de esperar outra resposta. - Disseram-me que era normal. Que a recuperação levava tempo. Que tinha de esperar.

- E esperou?

- Ano e meio. Agora ando assim. - Apontou para si própria com um gesto preciso, sem dramatizar. - Não

corro. Não subo escadas com facilidade. Dou aulas a crianças da primária sentada mais do que devia.

De Salvo esperou.

- Nunca ninguém me disse o que me tinham implantado - continuou Clara. - Pedi os documentos três vezes. Disseram primeiro que estavam no arquivo, depois que o registo fora transferido e, por fim, que o chefe de serviço estava de licença.

- Tem advogado?

- Não o posso pagar. - Sem ressentimento. Era um facto, não uma queixa.

De Salvo abriu a pasta.

- Senhora Merli, o que lhe digo agora é reservado até nós o tornarmos oficial. A prótese que lhe implantaram era o modelo G-4217 RX. Material experimental, entrado sem autorização do ministério.

Silêncio longo.

- Era um protótipo - repetiu Clara. Não era uma pergunta.

- Era.

Clara olhou para o gato. Depois disse, sem trair nada:

- E quem é que sabia?

- Os médicos que a operaram. E o supervisor do projeto.

- Foram presos?

De Salvo hesitou.

- Os médicos estão mortos. O supervisor está sob investigação.

Clara ficou calada. Depois disse:

- Não lhe pergunto como. Aprendi a não fazer perguntas inúteis. - Levantou-se. - Volte quando precisar do meu depoimento. Estarei cá.

Saíram em silêncio. Já no carro, Marino disse:

- É uma das vítimas. Uma que ainda anda.

- É.

- A Giovanna sabia?

De Salvo olhou pela janela.

- A inicial dela aparece na ficha. Queria que a encontrássemos.

O nevoeiro de Novi

O nevoeiro em Novi não cai. Pousa. Estende-se pelos passeios, pelos carros parados, pelos letreiros dos cafés fechados. Não é uma presença, é uma condição. Como o cansaço, como a suspeita. Ugo De Salvo conhecia-o bem. Naquelas ruas esvaziadas, a cabeça dele funcionava mais limpa, quase cortante. A cidade emudecia e o caso ficava mais nítido.

Tinham recebido outra denúncia. Uma enfermeira. Anónima. Dizia que uma mulher, contratada havia pouco como auxiliar em ortopedia, tinha deixado o hospital sem aviso prévio. Nenhum pedido oficial, nenhuma assinatura de saída. Nome usado: Luciana Albinoli.

Tinha desaparecido no nada.

- Queres saber o mais inquietante? - disse Marino enquanto caminhavam debaixo das arcadas.

- Diz.

- Sempre que aparece um rasto dela, é ela que o deixa. Não foge, não escapa. Deixa-se encontrar. Mas à maneira dela.

- Acompanha-nos.

- Sim. É como se nos quisesse educar. Quer que vejamos o que ela viu. Que sintamos a mesma injustiça.

A cidade estava muda. Cada passo deixava um rasto na estrada húmida. Debaixo de um portão, um homem tremia, encolhido contra a grade de uma loja de ferragens.

- Quem é? - perguntou De Salvo.

- Chamam-lhe Spina. Antigo fiel de armazém do hospital, despedido há oito meses. Disse que tinha visto coisas estranhas nos depósitos das próteses. Nunca ninguém acreditou nele.

Aproximaram-se. O homem tinha as mãos vermelhas e as faces cavadas.

- Quem é que vos manda?

- Ninguém. Somos nós que procuramos respostas.

Spina lambeu os lábios, depois apontou as traseiras da loja.

- Ali atrás havia uma entrada secundária. Usavam-na para carregar caixas sem guia. Volumes com carimbos falsos. Uma vez abri um. Só uma vez.

- O que é que lá estava?

- Próteses. Todas iguais. Sem etiquetas. Só números a caneta.

- Quem as vinha buscar?

Spina sorriu. Era um sorriso partido.

- Um tipo elegante. Sempre de luvas de cabedal. Falava pouco. Mas sabia tudo. Chamava-se... Orengo.

A vivenda de Acqui

A vivenda de Carlo Orenco ficava na colina para lá de Acqui Terme, entre as vinhas de Moscato que em outubro ainda tinham algum cacho esquecido. Um caminho de terra batida, quinhentos metros entre as carreiras de videiras, depois um portão de ferro forjado com um intercomunicador moderno, desafinado em relação ao resto.

De Salvo tocou.

Esperou trinta segundos. Depois uma voz - masculina, jovem, com a inflexão de quem aprendeu a fazer de cão de guarda:

- Quem é?
- Inspetor De Salvo. Quero falar com o senhor Orenco.
- O doutor Orenco não recebe sem marcação.
- Compreendo. Diga ao doutor Orenco que estou a investigar a morte de três conhecidos dele. Se preferir que volte com um mandado, posso fazê-lo.

Um silêncio. Depois o portão abriu-se.

A vivenda era grande, arrumada, com um jardim que parecia estar sempre em ordem - um daqueles jardins que exigem um jardineiro fixo, invisível. No caminho de acesso, um Lancia Gamma azul. Matrícula de Turim.

Um homem na casa dos quarenta abriu a porta principal. Casaco, sem gravata. Não era um criado: era qualquer coisa intermédia, aquela categoria de pessoas que estão entre o patrão e a criadagem sem pertencerem a nenhuma das duas.

- Faça favor de entrar. O doutor Orenco recebe-o na biblioteca.

A biblioteca ficava no primeiro andar: estantes de madeira escura, livros encadernados, uma secretária com nada em cima a não ser um cinzeiro de cristal e um pisa-papéis de latão. Orenco estava de pé junto à janela. Luvas de cabedal em cima da mesa, casaco cinzento,

cabelo branco penteado para trás. Sessenta anos trazidos como se a idade fosse uma escolha, não uma fatalidade.

Não estendeu a mão.

- Inspetor.

- Doutor Orengo.

- Sente-se. - Disse-o como quem manda despachar. Uma concessão, não um convite.

De Salvo sentou-se. Olhou em volta sem tentar disfarçar. Milhares de volumes, alinhados por altura. Nenhuma fotografia de família. Nenhum objeto pessoal à vista. Uma sala que dizia: aqui há cultura, não há vida.

- Em que posso ser útil? - perguntou Orengo.

- Estamos a investigar a morte de três conhecidos seus. Arturo Teixeira. Sandro Antonelli. Renato Cattaneo.

Nenhuma reação.

- Conhecidos é uma palavra generosa. Colegas de setor, quando muito.

- O senhor trabalhou com eles como supervisor de um projeto experimental sobre próteses ortopédicas. Entre 1975 e 1978.

- Tive muitas avenças de consultoria nesses anos.

- O projeto série G. Diz-lhe alguma coisa?

Uma pausa brevíssima.

- Vagamente.

- Um doente chamado Paolo Montanaro morreu na sequência do implante de uma prótese da série G. A prótese não constava dos registos do ministério.

- Estas coisas acontecem, infelizmente. O sistema de controlo tem lacunas.

- Tem lacunas - repetiu De Salvo. O tom era plano. - Tem lacunas.

Orengo olhou para ele. Pela primeira vez, qualquer coisa se mexeu por trás dos olhos - não medo, qualquer coisa mais subtil. O cálculo de um homem que avalia quanto é que o outro sabe.

- Não tenho nada a acrescentar, inspetor. Se tiver perguntas formais, peço-lhe que se dirija ao meu advogado.

De Salvo levantou-se devagar. Abotoou o sobretudo.

- Já tem advogado a postos?

- Tenho sempre um advogado a postos.

- Compreendo. - Deu um passo para a porta, depois parou. - Só uma coisa, doutor Orengo. Há uma mulher. Chama-se Giovanna Albinoli. Se a encontrar, telefone-me.

Nenhuma reação. Zero. Como se o nome não significasse nada.

De Salvo desceu as escadas, atravessou o caminho de acesso, saiu pelo portão. Esperou até estar no caminho de terra batida, para lá do portão e fora da vista da vivenda, para parar e acender um cigarro.

Orengo sabia. Vira-o nos olhos: aquele cálculo rápido, aquela avaliação silenciosa. O homem já estava a decidir quanto havia de conceder.

O homem já sabia que Giovanna existia. Talvez já soubesse o que ela andava a fazer.

E não tinha intenção nenhuma de pedir ajuda à polícia.

O processo de Paolo Montanaro, que parecia ter desaparecido, reapareceu no fundo de um armário por catalogar, enterrado sob anos de negligência e burocracia. Marino encontrou-o quando procurava outro nome.

Lá dentro estava tudo. Ou quase.

Um homem de quarenta e dois anos. Pedreiro, uma filha. Operado a uma fratura do fémur esquerdo. Internado a 9 de abril de 1961, morto a 11, dois dias depois da intervenção. Causa oficial: embolia. Na folha de bloco aparecia uma cavilha femoral, lote G-4217-RX, ausente do registo de armazém.

De Salvo sentou-se à mesa com o documento à frente. O copo de Dolcetto estava cheio mas intacto. Sissi, a gata, observava-o do aparador. Lá fora, a noite já tinha caído, como um pano de cena cinzento sobre uma peça que correu mal.

- Ainda não posso dizer que o Montanaro tenha sido morto pela cavilha. Posso dizer que o material não estava registado e que os mesmos nomes reaparecem nos fornecimentos recentes. Antonelli, Teixeira, Cattaneo.

Marino assentia, de pé, ainda de sobretudo vestido.

- E agora o Orengo. O homem das luvas de cabedal. O único ainda vivo. O mandante. O centro da rede.

- A Giovanna quere-o. Não pela justiça. Pela memória.

Marino aproximou-se da mesa.

- E tu de que lado estás, chefe?

De Salvo fixou o copo. Depois a gata. Depois o processo.

- Do lado das provas. Mesmo quando chegam tarde.

No documento havia uma nota à margem, a caneta. Letra de mulher. Uma só frase:

«Deixaram-no morrer sabendo o que faziam.»

O cemitério de Predosa

O cemitério de Predosa ficava fora da terra, no cimo de uma subida que no inverno se tornava escorregadia. De Salvo foi lá numa terça-feira de manhã, sozinho, sem dizer a ninguém. Tinha o processo de Montanaro no carro, mas não o levou consigo. Deixou tudo na mala.

A campa estava na terceira fila à direita da entrada. Uma lápide de granito cinzento, com uma fotografia a preto e branco: um homem na casa dos quarenta, cara larga, cabelo curto, um sorriso que parecia surpreendido por estar a ser fotografado. Por baixo, o nome:

Paolo Montanaro - 1919 - 1961

E mais abaixo, uma frase gravada em itálico:

«Homem de trabalho e de silêncio.»

De Salvo ficou de pé diante da lápide uns minutos sem pensar em nada em concreto. Era uma daquelas pausas que não servem para nada e servem para tudo - o tipo de silêncio que não se pode programar, que vem sozinho quando o cérebro precisa de deixar de construir e começar apenas a estar.

Montanaro tinha quarenta e dois anos quando deu entrada no hospital. Passara vinte e cinco a trabalhar na pedreira, a carregar às costas o peso de uma casa, de uma filha, de uma vida que nunca tinha pedido para ser extraordinária. Só regular. Só decente. Só honesta.

Tinham-no operado com um dispositivo não registado, cujos riscos ninguém avaliara. Alguém tinha assinado. Alguém tinha recebido. E ele morrera numa mesa operatória com a mesma simplicidade com que tinha vivido: sem fazer barulho.

De Salvo deu por si com as mãos nos bolsos e a cabeça baixa, como se faz nas igrejas quando não se sabe bem o que fazer com o corpo. Ele não ia à igreja havia trinta anos. Mas o gesto era o mesmo.

Tirou as mãos dos bolsos. Endireitou-se.

- Encontrámo-lo - disse em voz baixa. Não à campa - à fotografia. Àquele homem surpreendido por estar a ser fotografado. - Não da maneira que devia ter sido. Mas encontrámo-lo.

Uma rajada de vento arrastou umas folhas secas por entre os canteiros. Ao fundo do cemitério, um gato branco atravessou o caminho e desapareceu por trás de um jazigo.

De Salvo ficou mais três minutos. Depois virou-se e foi em direção à saída.

Ao descer a estrada, parou um momento na berma e olhou para a terra lá em baixo. Predosa de manhã: telhados baixos, campanário, o nevoeiro a levantar-se dos campos devagar como uma coisa que não tem pressa. Uma terra que parecia igual todos os dias havia cem anos.

Pensou: a esta terra veio uma mulher. Ficou o tempo suficiente para fazer o que tinha a fazer. Depois foi-se embora, na direção de um porto sem nevoeiro.

Pensou: e agora é connosco fazer o resto.

Desceu até ao carro. Abriu a mala. Tirou o processo de Montanaro. Pô-lo no banco do passageiro.

Ligou o motor. Voltou ao trabalho.

O segredo de Giovanna

Giovanna Albinoli tinha dezassete anos quando perdeu o pai. A mãe, Luciana, trabalhava no mesmo hospital e havia de morrer treze anos depois. Paolo Montanaro era o centro daquela casa: mãos calejadas, voz áspera, risadas raras mas verdadeiras. Fora ele a ensinar-lhe a andar sem medo, a ler os sinais de trânsito, a perceber quando as pessoas mentiam.

Quando o internaram, Giovanna não se alarmou. Tinha levado uma queda feia no trabalho, mas os médicos diziam que a operação era simples, uma rotina. Dois dias depois, estava morto.

A rapariga tinha gritado. Mas ninguém a ouvia.

Foi Luciana que guardou a folha do lote e a cópia da carta devolvida. Giovanna encontrou-as juntas um ano depois da morte do pai. Começou por aqueles dois papéis.

Usou o nome da mãe, Luciana, para passar despercebida. Estudou enfermagem sem nunca se inscrever oficialmente. Mudou de cidade, de aspeto, de voz. Tornou-se aquilo que era preciso: uma figurante invisível pelas enfermarias. E entretanto reunia provas, ouvia, seduzia.

Teixeira. Antonelli. Cattaneo.

Homens inteligentes, satisfeitos consigo próprios, cúmplices. Homens que tinham assinado documentos falsos e continuado a trabalhar como se Paolo Montanaro fosse apenas um número de arquivo.

Esperara pelo momento certo. Observara-os, aproximara-se, sedara-os. E por fim atingira-os com um martelo cirúrgico, transformando um instrumento de cura na marca da vingança.

Agora restava um só.

Carlo Orenco. O verdadeiro mandante. O homem que movia tudo por trás dos bastidores. Supervisor. Consultor. Homem respeitado. Intocável.

Mas Giovanna não queria respeito. Queria que ele sofresse. Queria que vivesse o pânico, a paralisia, a vergonha. Queria que se lembrasse de cada osso partido que tinha assinado.

E por isso preparara o último ato.

* * *

Nessa mesma noite, Giovanna sentou-se à mesa do apartamento em Novi. Duas assoalhadas arrendadas, em nome de Luciana Albinoli, evidentemente. Nada de pessoal nas paredes. Nada de permanente nas gavetas. Uma vida que podia ser desmontada em vinte minutos e carregada numa mala.

A coisa mudara à tarde. Orengo recebera um telefonema - Giovanna sabia-o porque tinha o número do empregado doméstico, e o empregado falava com a mulher, e a mulher era uma pessoa que não sabia guardar segredos com a esteticista. A cadeia era longa e banal, como todas as cadeias que aguentam.

A polícia tinha-se mexido antes do previsto. Alguém tinha telefonado diretamente. Não oficialmente - demasiado informal, demasiado direto. Um erro. Mas um erro que pusera Orengo em movimento: nessa manhã telefonara a um advogado, e à tarde desfizera uma mala e depois voltara a fazê-la.

Giovanna tinha dois dias, talvez três. Não uma semana, como calculara.

Mudou a data. O teatro: sábado, não segunda.

Em cima da mesa, um caderno. Guardara-o durante anos. Nenhuma emoção, nenhum desabafo. Só nomes, datas, factos. A documentação exata de cada passo. O documento que havia de deixar a De Salvo, no fim.

Escreveu a última página com letra clara:

«Fiz o que um tribunal não teria feito. Não porque me agradasse. Mas porque não se pode construir uma memória sobre um processo que nunca há de chegar.»

Fechou o caderno. Apagou a luz. Esperou.

Dois dias antes de 11 de outubro de 1978.

Giovanna tinha entrado no Teatro Civico de Alessandria pela janela do segundo andar, a das traseiras, com a fechadura partida havia dois anos e ninguém que se tivesse dado ao trabalho de a arranjar. Entrara de noite, com uma lanterna e uma mochila.

Da primeira vez tinha ido só para ver.

O teatro era grande, escuro, com aquele cheiro específico dos sítios abandonados: humidade, pó velho, e por baixo de tudo, quase soterrado, qualquer coisa mais antiga - a madeira das cadeiras, o veludo puído, a cera do soalho da plateia. O cheiro de quando aquilo ainda era um sítio vivo.

Giovanna parara a meio da plateia. Apagara a lanterna. Na escuridão, esperara que os olhos se habituassem. Devagar, a sala fora ganhando forma. As silhuetas das cadeiras. O perfil do palco. Os camarotes vazios. Ao fundo, o lustre central - apagado, coberto de pó, mas ainda ali.

Pensara no pai. Na única vez em que ali tinham ido juntos. Não se lembrava do espetáculo. Lembrava-se do cheiro a tabaco do casaco do pai. Do peso da mão dele no ombro. Da maneira como lhe dissera, em voz baixa:

- É bonito, não é?

- É, pai.

- Um dia voltamos.

Não tinham voltado.

* * *

Na segunda noite levara tudo o que era preciso: cabos elétricos, uma extensão, seis projetores de obra. Levara três horas a ligá-los ao quadro elétrico secundário do teatro. Colocara-os à volta do palco, apontados ao centro.

Depois levara as fotografias. Mandadas imprimir numa loja de Turim, não em Alessandria. Quatro fotografias,

formato grande, com moldura preta: Teixeira, Antonelli, Cattaneo. E Paolo Montanaro.

Passara vinte minutos a escolher a posição certa para cada uma. Teixeira à esquerda do palco, por ter sido o primeiro. Montanaro ao centro, por ser a razão de tudo. Antonelli e Cattaneo dos lados, simétricos.

Quando acabara, sentara-se na cadeira da primeira fila e olhara para o conjunto. Era aquilo que queria. Não uma vingança - um espetáculo. Uma acusação visível que tribunal nenhum poderia alguma vez montar.

Só então percebera por completo porque escolhera aquele sítio. O pai levava-a ao teatro para lhe mostrar que as histórias se podiam contar de maneira que as pessoas percebessem mesmo - não lendo, não ouvindo, mas vendo.

* * *

Na terceira noite fizera uma última coisa. Levava o caderno - aquele com toda a documentação, os anos de provas, os nomes e as datas e as assinaturas. Deixara-o no camarim da direita, dentro de um envelope com uma inscrição:

CPara o inspetor De Salvo. Esquadra de Novi Ligure.

Depois acrescentara, a lápis, mais pequeno:

CEle já sabe porquê.

Antes de sair, parara uma última vez a meio da plateia.

- É bonito - disse em voz baixa. Como o pai teria dito.

Depois saíra pela janela do segundo andar e caminhara até ao carro sem se voltar.

O teatro dos vivos

O Teatro Civico de Alessandria estava fechado havia anos. Um restauro nunca acabado, uma empreitada desaparecida nas fendas da burocracia. Por fora parecia abandonado, mas Giovanna conhecia-o bem. Ali entrara em miúda com o pai, a primeira e única vez.

Agora, aquele sítio esquecido seria o palco dela. O último.

Carlo Orengo recebeu o convite anónimo na caixa do correio. Um cartão cinzento, sem remetente.

«Venha. Há uma coisa que tem de ver.»

Data: 11 de outubro de 1978. Hora: 21h00. Local: Teatro Civico - entrada lateral.

Teve-o entre os dedos alguns segundos. Depois queimou-o no cinzeiro. Mas foi na mesma.

Às 21h03, entrou pelas traseiras. As luzes de serviço estavam acesas. O átrio cheirava a húmido e a pó. Avançou com passo incerto até à plateia. Uma única cadeira estava iluminada. Em cima dela, uma caixa. Pequena. Preta.

Orengo olhou em volta. Ninguém. Abriu a caixa. Lá dentro, um par de luvas de látex claro. E um papel:

«Calce-as. É a sua vez.»

A voz saiu do escuro. Calma. Feminina. Firme.

- Boa noite, doutor Orengo.

Ele virou-se. No palco, de pé ao centro da cena, uma mulher de tailleur escuro. Cabelo apanhado, olhar fixo.

- A senhora... quem é?

- Uma que decorou todas as suas assinaturas falsas. Uma que teve de fingir ser a minha própria mãe para entrar nos serviços onde o senhor mandava materiais não registados.

Orengo engoliu em seco.

- Isto é um rapto?

- Não. É um julgamento. E o público são os mortos.

Acenderam-se as luzes centrais. À volta do palco, quatro fotografias com moldura: Teixeira, Antonelli, Cattaneo... e Paolo Montanaro.

Orengo deu um passo atrás. A respiração encurtara-se. A voz, aquela arma silenciosa que usava havia trinta anos para nunca dizer as coisas com clareza, tinha-se-lhe encravado de repente.

- Não fiz nada de ilegal - disse. Depois acrescentou: - Não diretamente.

- Não - concordou Giovanna. - O senhor nunca fez nada diretamente. É a sua especialidade. Todas as peças do sistema se mexem no lugar do senhor. O senhor está quieto e olha.

- Se me matar, não muda nada. O sistema fica.

Giovanna não sorriu.

- Não o quero matar. Quero que fique consciente o tempo suficiente para ouvir os nomes e ver os papéis que fez desaparecer.

- A senhora é louca.

- Não. Sou metódica. Há uma diferença enorme. Agora vai perceber.

- O meu pai morreu.

- Também o meu.

Um silêncio longo. Orengo olhou para as fotografias. Deteve-se em Paolo Montanaro. Um homem que nunca tinha visto, um nome numa folha, uma assinatura ao fundo de um documento que não devia existir.

- Não sabia que ele ia morrer - disse, baixo.

- Sabia que o lote não estava registado e que o meu pai não tinha aceiteado nenhuma experiência. Aprovou na mesma.

Do lado da cena saiu uma maca. Em cima, correias. Seringas. Um frasco de escopolamina.

Giovanna aproximou-se.

- É a sua vez, doutor Orengo. Agora ouça o que fez.

* * *

Quando tudo ficou feito, ela ficou de pé junto da maca um momento.

Orengo estava imóvel. Os olhos abertos. Consciente. Incapaz de mexer os braços.

Giovanna olhou para ele.

Tinha imaginado este momento durante dezassete anos. Imaginara-o com precisão: a certeza, a frieza, a satisfação compacta de quem fecha uma conta que não podia ser fechada de outra maneira. Imaginara que ia sentir qualquer coisa parecida com o fim.

Em vez disso sentiu só o cansaço que tinha.

Não dele. De todo o tempo que aquilo levava. De todos os anos gastos a construir uma coisa que agora, feita, se parecia menos com aquilo que construía na cabeça e mais com qualquer coisa mais pequena, mais frágil, irremediavelmente humana.

Orengo olhava para ela. Os olhos dele eram os de um homem que estava a começar a perceber qualquer coisa. Talvez a mesma coisa que ela percebia.

Giovanna endireitou-se. Virou-se. Foi arrumar as fotografias - Teixeira, Antonelli, Cattaneo, e o pai - na posição que tinha preparado. As mãos estavam firmes. O plano estava executado.

Não se voltou para olhar outra vez para ele.

O telefone tocou uma só vez. Depois silêncio. De Salvo abriu os olhos de repente, como se tivesse ouvido um tiro. O quarto estava mergulhado no escuro azulado que precede a madrugada. O gira-discos tinha parado no chiado. Sissi estava encolhida na almofada, atenta, como se soubesse que alguma coisa ia acontecer.

Às 4h17, numa Predosa ainda a dormir, o inspetor já estava vestido. Calças de ganga amarrotadas, camisola preta, pistola no cinto. O café bebeu-o frio. Nada de pão, nada de cigarro. Só aquele silêncio líquido que se enfia nos ossos.

Marino esperava-o à porta.

- Mensagem anónima. De uma cabine telefónica na estrada nacional. Encontraram um homem nu e em estado de choque... no Teatro Cívico de Alessandria. Amarrado a uma maca.

De Salvo não falou. Entrou no carro e ligou o motor. Na mala levava um dossiê fino com a fotografia de Carlo Orenço. E um bilhete recebido dois dias antes, escrito numa letra limpa, quase infantil, que agora sabia de cor:

«Às vezes a justiça não está nos tribunais. Está nos teatros. Onde todos são obrigados a representar o seu papel até ao fim.»

Quando chegaram ao teatro, o local já estava selado. A maca estava lá. Orenço tinha sido transportado ao hospital em estado catatónico. Não falava e mal reagia aos estímulos. Os olhos esbugalhados. Nenhuma ferida visível. Mas alguma coisa dentro dele tinha-se partido.

Marino folheou o auto.

- Nenhum sinal de violência física. Mas esteve imobilizado durante horas. Os pulsos amarrados com correias de maca. No corpo, vestígios de escopolamina.

De Salvo agachou-se a olhar para o chão. Havia uma frase traçada a giz:

«Agora sabes o que é não te poderes mexer.»

Por baixo, duas iniciais: G. A.

O inspetor levantou-se.

- Não acabou. Não para ela.

- Vamos apanhá-la? - perguntou Marino.

De Salvo olhou para ele, depois levantou os olhos para o céu cinzento.

- Depende se quer ser apanhada. Ou se só quer deixar-nos os rastos dela. Como uma encenadora que já escreveu o final.

Chegaram à esquadra de Novi Ligure às sete. A noite tinha deixado um resíduo metálico no ar - aquela sensação de frio seco que precede a geada. Marino tinha as olheiras de quem não dormiu e as mãos a apertar a garrafa-termo como se fosse a única coisa certa do mundo.

No quadro da sala operacional, De Salvo atualizou o esquema. Escreveu Teixeira, Antonelli e Cattaneo por baixo de uma única palavra: MORTOS. Depois traçou uma terceira coluna, escreveu Orenco e acrescentou o título: SOBREVIVENTE.

- Sobrevivente - leu Marino em voz alta, num tom que não era ironia nem aprovação. Registo, apenas.

- Sim. Ela não o queria matar. Queria que ficasse de pé o tempo suficiente para perceber.

- E percebeu?

- Ainda não sei. Os médicos falam de sedação forte e reação de stress. - De Salvo virou-se para a janela. - A Giovanna queria-o vivo e consciente. O resto decidem-no os médicos.

Marino pousou a garrafa-termo.

- Dormiste?

- Duas horas.

- Eu zero.

Ficaram calados um momento. Do corredor chegava o cheiro do café da máquina e o barulho de alguém a falar alto ao telefone.

- E agora o que fazemos? - perguntou Marino.

De Salvo pegou num marcador. Por baixo de SOBREVIVENTE escreveu: TESTEMUNHA.

- Agora construímos o caso em cima dos documentos. O caderno encontrado no teatro orienta-nos, mas vem dela.

Marino levantou o olhar.

- Porquê?

- Porque é documentação recolhida pela executora. Útil, mas cada peça tem de ser confirmada de forma independente.

- Então o que é que temos?

De Salvo escreveu no quadro: CONTRATOS ORTHOLAB. PARTICIPAÇÃO TEIXEIRA. DEPOIMENTO SPINA. DECLARAÇÃO ESPONTÂNEA ORENGO.

- Os contratos e a participação, se o Ferrero os entregar. O depoimento do Spina. E a declaração do Orengo, se a repetir perante o magistrado com o defensor dele.

- E o caderno?

- Diz-nos onde procurar. As provas encontramos-las nós, de maneira que aguentem.

- Não chega. Um bom advogado...

- A Giovanna sabia-o - disse De Salvo. - Por isso deixou o caderno a mim, e não a um magistrado. O meu nome estava no envelope. - Uma pausa. - Esperava que o Orengo, depois, falasse em forma legal.

Marino assentiu devagar.

- É uma estratégia legal construída em cima de três homicídios.

- É.

- E nós estamos a usá-la.

De Salvo não respondeu. Pousou o marcador na borda do quadro.

Às oito chegou um fonograma da procuradoria de Alessandria: pedido urgente de todo o material do caso até às dezoito horas. O Ministério Público começava a mexer-se. Era o momento certo.

De Salvo leu o fonograma, dobrou-o em quatro, meteu-o no bolso.

- Marino.

- Sim.

- Vai para casa. Dorme sobre o assunto. Está cá às catorze.

- E tu?

- Vou ter com a Sissi.

Marino olhou para ele.

- A sério.

- A sério. Deixei a janela aberta e nada para ela comer. Se não chegar antes do meio-dia, faz o sofá em pedaços.

Saiu antes que Marino pudesse responder. No parque de estacionamento, o Fiat do inspetor era o único carro coberto de geada. Raspou-a com as costas da mão, entrou, ligou o motor.

Conduziu para Predosa com o rádio desligado. O campo era plano e cinzento, os renques das vinhas despidos como dedos esticados. De vez em quando um campanário branco contra o céu branco.

Pensou: há uma mulher algures nesta paisagem que está a desaparecer. Que já começou a desaparecer. Que talvez esteja a olhar para o mesmo céu.

Pensou: não a vamos encontrar. E se calhar é justo assim.

Depois pensou noutra coisa. Pensou em Sissi e no sofá. Acelerou.

Debaixo da pele

No hospital, Orengo não falava. Não reagia. Nada de gritos. Nada de choro. Só um olhar vítreo, fixo no teto, como se estivesse a ver uma cena que mais ninguém podia ver. Os médicos chamaram-lhe «estado dissociativo pós-traumático». Marino chamava-lhe «consciência rebentada».

Entretanto, no gabinete de De Salvo, o processo crescia. Cada peça encaixava. Cada morte tinha um móbil. Cada pormenor tinha sido previsto. Teixeira, Antonelli, Cattaneo. E agora Orengo. Não morto. Mas destruído. Talvez o golpe pior. O mais humano.

No bolso de uma bata velha encontrada no camarim do teatro, Marino descobrira um papel rasgado. Uma frase, escrita com uma letra fina, elegante:

«Não se cura uma fratura sem primeiro sentir a dor.» - G. A.

De Salvo meteu o papel no envelope das provas. Giovanna continuava a guiá-los com frases construídas para serem lembradas.

De volta a casa, o inspetor sentou-se no sofá. Sissi esfregou-se-lhe nas pernas. O disco tocava baixinho I'd Rather Go Blind, de Etta James. O Dolcetto d'Acqui tinha acabado. Mas ele não tinha vontade de beber.

Em cima da mesa estava um postal. Sem carimbo dos correios. Sem morada. Só um desenho a tinta: uma vértebra humana, rachada ao meio. E por baixo, uma frase:

«Debaixo da pele, somos todos feitos de ossos.»

De Salvo virou o postal. Nenhuma morada, nenhum carimbo. Pô-lo ao lado das outras mensagens.

Uma coisa que não escreveu

A 14 de outubro, três dias depois do teatro, Marino deu com o rasto.

Estava num café de Novi, o Caffè della Stazione, onde ia quando não queria pensar mas não conseguia parar. Pediu um café com cheirinho. Sentou-se ao pé da janela.

Ao balcão, duas mulheres conversavam. Uma era a dona do café. A outra era uma senhora na casa dos cinquenta, lenço verde, mala de palha fora de estação. Marino não estava a ouvir. Depois ouviu:

- A rapariga do apartamento da via Cavour foi-se embora esta noite. Deixou a chave debaixo do capacho, deixou-me três semanas de renda contadas em cima da mesa da cozinha. Em dinheiro. Nem um bilhete.

Marino pousou a chávena.

- Como era ela? - disse a dona.

- Alta. Cabelo escuro. Educada. Trabalhava no hospital, dizia. Não fazia barulho. Nunca teve visitas.

Marino abriu o caderno. Depois voltou a fechá-lo.

Ficou quieto um momento. A janela dava para o passeio molhado. Um gato atravessou a rua sem pressa.

Pensou: via Cavour. Três semanas de renda. Cabelo escuro. Hospital.

Depois pensou em De Salvo, no que ele faria com um rasto assim. Não tinha a certeza da resposta.

Voltou a abrir o caderno. Escreveu a data. Escreveu: Caffè della Stazione. Depois parou.

A dona arrumava as chávenas. A mulher do lenço ia a sair.

Marino arrancou a página. Com cuidado, ao longo da linha. Dobrou-a em quatro. Meteu-a no bolso do sobretudo, não no caderno. No bolso onde guardava as coisas privadas.

Pagou o café. Saiu.

No carro, antes de ligar o motor, ficou um minuto com as mãos no volante. Pensou: o De Salvo teria dito. Talvez.

Pensou: eu não.

Não era uma escolha moral. Era só aquilo que ele era. Estava ainda a decidir de que lado ficar - mas acabara de perceber que a resposta não era um lado só. Era mais complicado do que isso. Era viver com o que sabia e com o que não dizia. Era exatamente o tipo de coisa que julgava não ser capaz de fazer, e era a coisa que estava a fazer.

Ligou o motor. Foi para a esquadra. Comunicou que não havia rasto de Giovanna Albinoli.

À tarde preencheu três relatórios de rotina. À noite voltou para casa de Valentina e não disse nada. Nem de Giovanna, nem do rasto, nem da página arrancada no bolso do sobretudo.

Valentina perguntou-lhe se estava bem. Ele disse que sim.

Não era de todo falso. Era só incompleto.

A cama número onze

Carlo Orenco estava na cama onze do serviço de Medicina do hospital de Alessandria, vigiado por um agente. Os médicos falavam de reação aguda de stress e dos efeitos residuais do sedativo.

De Salvo obteve autorização para o ver ao terceiro dia.

O quarto era branco. Uma cama, uma cadeira, uma janela alta sobre o pátio. Orenco estava sentado na cama com as costas contra a cabeceira. Olhava para a parede em frente com uns olhos que não estavam vazios - estavam cheios de qualquer coisa que não se podia ver de fora.

De Salvo entrou. Sentou-se na cadeira. Não disse nada durante um minuto inteiro.

Foi Orenco o primeiro a falar. A voz tinha mudado: aquela dicção controlada, construída sílaba a sílaba, esboroara-se. Restava a voz de um homem que tinha deixado de escolher as palavras.

- Sabe o que se sente - disse - quando não se consegue mexer os braços?

De Salvo esperou.

- Não é a dor. A dor suporta-se. É a impossibilidade de reagir. Estamos conscientes, sentimos tudo, mas não conseguimos fazer nada. Nada. Nem sequer fechar o punho.

- É o efeito do sedativo - disse De Salvo.

- É. - Uma pausa longa. - Foi o que eu fiz, durante anos. A pessoas que não sabiam que estava a acontecer alguma coisa. Doentes que se entregavam a nós.

De Salvo ficou ligeiramente tenso. Não estava à espera daquilo.

- Está a dizer que errou?

Orenco olhou para ele. Por um momento voltou o velho Orenco: aquela avaliação silenciosa, o cálculo de quanto ceder.

- Inspetor, o senhor está aqui por causa de uma confissão.

- Estou aqui para saber se tenciona falar. Se o fizer, chamo o magistrado e o seu defensor.

- Os protocolos experimentais têm uma história. Os riscos são documentados, aceites. É assim que funciona a investigação clínica.

- O Montanaro não assinou nada. Não lhe disseram nada.

Os dedos de Orengo mexeram-se uma vez sobre o lençol, depois pararam.

- Era pedreiro. Perceberia um impresso técnico?

- Tinha quarenta e dois anos e sabia ler. Mas não lhe deram impresso nenhum.

Silêncio longo. A janela com grades, a parede branca, o zumbido do corredor lá fora. Orengo voltou a olhar para a parede.

- Estou a dizer que sei o que se sente. Agora sei. - Orengo tirou os olhos da parede. Pousou-os em De Salvo pela primeira vez. - Aquela rapariga é mais inteligente do que o senhor.

- Provavelmente.

- Não me queria matar. Queria que eu percebesse. Há uma diferença.

- Há uma diferença - concordou De Salvo. - Mas matou três pessoas.

- Pessoas que mataram o pai dela.

- Isso não lhe dá o direito...

- Não - interrompeu Orengo. - Não lhe dá direito nenhum. Mas dá-lhe uma razão. E eu já não tenho energia para fingir que as razões não existem.

Ficou calado um momento. Depois:

- Aprovei fornecimentos que não deviam ter entrado nos hospitais. Sabia que faltavam controlos e decidi que o risco era aceitável. - A voz era plana. - O Montanaro foi o primeiro incidente que nos obrigou a mudar os códigos. Não foi o último.

De Salvo não abriu o caderno. Chamou o agente ao corredor.

- Avise o procurador-adjunto e o defensor do doutor Orenge. Até eles chegarem não recolho mais nada.

Orenge assentiu.

- Espero por eles.

Quando acabou, Orenge tinha voltado a fixar a parede.

- Vai encontrá-la? - perguntou.

- A Giovanna?

- Sim.

De Salvo voltou a meter o caderno no bolso.

- Depende se quer ser encontrada.

- Espero que não - disse Orenge. Tinha a voz de um homem que já decidiu não lutar mais. - Espero que vá para longe. Fez o que tinha de ser feito. Ainda que de uma maneira que eu não teria escolhido.

De Salvo levantou-se.

- Se se lembrar de mais alguma coisa...

- Lembro-me de tudo - disse Orenge. - O problema é esse. Agora lembro-me de tudo.

De Salvo saiu. No corredor, Marino esperava-o com duas chávenas de café da máquina.

- Como correu?

- Quer prestar declarações perante o magistrado e o advogado dele.

Marino segurou a chávena entre as mãos.

- Por causa do que a Giovanna lhe fez?

- Por causa do que lhe mostrou. Não confundas as duas coisas.

Marino voltou a casa de Valentina uma semana depois. Levou duas garrafas de Barbera e meio quilo de queijos - a paz no Piemonte faz-se assim, com qualquer coisa de concreto para pôr em cima da mesa.

Ela abriu a porta sem se admirar. Olhou para ele. Depois afastou-se para o deixar entrar.

Jantaram quase em silêncio. Os queijos, o pão, o vinho. A cozinha tinha aquele cheiro a casa que Marino tinha aprendido a associar a Valentina: madeira, sabão de Marselha, qualquer coisa vagamente doce que nunca conseguira identificar.

- Como está a correr? - perguntou ela.

- O caso fecha-se. Mais ou menos.

- Mais ou menos.

- O mandante confessou. A executora desapareceu. Não sei se a vamos apanhar.

Valentina serviu mais vinho.

- E tu? Como estás tu?

Marino parou. Pousou o copo.

- Passei três semanas a tentar perceber se o que aquela mulher fez estava errado.

- E?

- Estava errado. Matou três homens. Mas sem aqueles crimes ninguém teria reaberto os papéis.

Valentina olhou para ele sem falar.

- O pai dela morreu por causa de um material não registado implantado num hospital público. Os responsáveis sabiam. Nunca ninguém lhes tocou. Ela esperou anos, juntou provas - e depois decidiu que tribunal nenhum a ouviria. Se calhar tinha razão nisso, não no que fez a seguir.

- E então?

- E então tenho medo do que penso.

- O que é que pensas?

Marino pegou no copo. Olhou lá para dentro.

- Que o sistema que eu defendo não funciona suficientemente bem para merecer a minha lealdade absoluta.

Valentina ficou calada um momento. Depois disse:

- O meu pai diz que um veterinário tem de distinguir o que pode curar do que só pode documentar. Senão mente ao dono e mente a si próprio.

Marino olhou para ela.

- É uma coisa deprimente.

- É uma coisa honesta.

Ficou mais um bocado. Depois Valentina disse, com a mesma voz plana que usava para as coisas importantes:

- Podes ficar, se quiseres.

Era a primeira vez que o dizia assim, sem dar por adquirido.

Marino ficou.

Antes de a madrugada nascer, enquanto ela dormia, levantou-se e foi para a cozinha. Abriu o caderno na última página.

Riscou a frase que escrevera três semanas antes - O que faço com aquilo que sei? - e no lugar dela escreveu:

Testemunhar. Por agora chega.

Fechou o caderno. Voltou para a cama.

Lá fora, o Piemonte começava devagar a ser dia.

Ferrero apresentou-se na esquadra a 19 de outubro, sem marcação nem advogado. Trazia uma pasta de cabedal gasta e o ar de quem tomara uma decisão a meio da noite.

De Salvo instalou-o na sala de interrogatórios - não a sala oficial, com a mesa metálica e as lâmpadas de néon, mas a sala de reuniões, a dos sofás puídos e da janela para o pátio. Uma escolha deliberada: não o queria fazer sentir-se acusado. Queria que falasse.

Ferrero abriu a pasta. Tirou de lá um dossiê. Pousou-o na mesa.

- São doze documentos. Cópias dos originais. Três orçamentos com a assinatura do Orenge como supervisor do projeto G. Quatro comunicações internas entre o fornecedor e o serviço. Cinco autorizações de entrada de materiais com as iniciais C. O. como aprovação.

De Salvo não tocou em nada.

- Desde quando é que os tem?

- Desde o princípio. Guardava-os no cofre.

- E porque não os entregou antes?

Ferrero sustentou-lhe o olhar.

- Porque tinha medo. - Disse-o sem enfeitar nada. - O Teixeira falou comigo do assunto. Em 1961 tinha subscrito o registo operativo do Montanaro; no ano passado reconheceu o mesmo código nos novos fornecimentos. Calou-se durante anos, depois tentou remediar. Eu disse-lhe para esperar. Esperei demasiado e ele morreu. - Uma pausa. - O que aconteceu depois... as mortes... não percebi logo. Depois percebi.

- Percebeu o quê?

- Que alguém estava a fazer aquilo que eu não tinha coragem de fazer.

De Salvo abriu o dossiê. Folheou os documentos sem pressa. Eram exatamente o que ele dissera: assinaturas, autorizações, os rastros de uma rede construída em papel

com o mesmo cuidado com que se constrói uma mentira credível.

- Isto é uma declaração espontânea?

- É.

- Vai ter de a repetir perante um magistrado.

- Eu sei.

- Vai perder o lugar.

- Isso também sei. - Ferrero olhou para a janela do pátio.

- Já escrevi a carta de demissão. Entrego-a amanhã.

De Salvo olhou para ele. Ferrero errara por medo; agora tentava corrigir. Às vezes era tudo o que se conseguia.

- Tem mais alguma coisa?

- Um nome. - Ferrero abriu a pasta outra vez. Tirou de lá uma folha. - Senador Luigi Brega. Telefonou duas vezes para a instituição durante o inquérito interno ao caso Montanaro. Da segunda vez falou comigo diretamente. Disse-me que era melhor deixar certas questões aos competentes.

- Competentes no sentido de...

- No sentido de pessoas que sabiam como as manter quietas.

De Salvo pegou na folha. Olhou para ela. O nome de Brega já estava no quadro da esquadra - mas como hipótese, não como certeza. Agora era certeza.

- Obrigado, doutor Ferrero.

- Não me agradeça. Não fiz nada de heroico.

- Não - disse De Salvo. - Fez a única coisa útil que restava. Para certos casos, chega.

Ferrero levantou-se. Ficou um momento de pé com a pasta na mão, como se ainda procurasse mais alguma coisa para acrescentar. Depois saiu sem dizer mais nada.

De Salvo ficou sentado. Depois voltou a meter os doze documentos no dossiê, um de cada vez.

Lá fora, Novi escurecia na luz baixa e alaranjada do fim da tarde.

Pensou: agora temos o suficiente para começar. Não pela Giovanna - essa já está fora. Pelo Orengo. Pelo Brega. Pelo Montanaro.

Foi telefonar ao magistrado.

O processo debaixo da cerejeira

Às primeiras luzes da madrugada, Sissi acordou De Salvo. Estava em cima do móvel da cozinha, cauda inchada, orelhas tensas. E rosnava.

Um som fundo que nunca tinha ouvido.

Ugo levantou-se em silêncio, pegou na pistola da mesa de cabeceira e aproximou-se da janela. Lá fora o escuro era compacto, e no entanto, debaixo da cerejeira do quintal, alguma coisa se mexia. Uma sombra. Leve. Silenciosa.

Abriu a porta. Desceu os degraus descalço, sem acender a luz. Os passos afundavam-se na erva molhada. Do ramo mais baixo da cerejeira pendia uma pasta de documentos. Verdadeira. Pesada. Encadernada. Por cima, a vermelho, o nome: Giovanna Albinoli.

Voltou para dentro, sentou-se à mesa da cozinha e abriu-o.

Leu-o durante hora e meia. Lá fora, entretanto, amanheceu.

Lá dentro havia cópias a papel químico de três cartas enviadas por Luciana Albinoli entre 1961 e 1963: à direção clínica, à Ordem dos Médicos, à procuradoria. Duas traziam o carimbo de recebido; nenhuma tivera seguimento. Havia também respostas do fornecedor sem assinatura e uma lista de lotes copiada à mão nos anos setenta.

Ao fundo, uma página do caderno de Giovanna:

«A minha mãe tentou com as cartas. Eu tentei com as provas. Quando percebi que não chegavam, escolhi o martelo. Isto não me absolve. Só vos impede de dizer que não sabiam.»

De Salvo leu a frase duas vezes. Depois fechou o processo e telefonou à procuradoria de Alessandria.

Sissi continuava na cozinha, com os olhos apontados à porta. De Salvo fechou o ferrolho, pousou a pistola e fez uma festa à gata entre as orelhas.

- Linda - disse. - Desta vez foste tu que encontraste a prova.

A última fratura

O velho casebre estava abandonado havia décadas. Ugo De Salvo conhecia-o. Ficava um pouco para lá de Castelferro, encravado entre dois campos deixados por lavrar. Em tempos vivia ali um camponês surdo, que criava cabras e blasfêmias. Depois, o nada. Só ervas daninhas, bolor e vento.

Quando recebeu a morada escrita à mão, sem assinatura, não hesitou.

Foi sozinho. Deixou Marino no comando. Sissi fechada em casa, com a tigela cheia e o rádio ligado numa estação de jazz. A pistola ia no blusão. Mas não lhe tocou.

O portão rangia como uma confissão. A porta estava entreaberta. Lá dentro, cheiro a pó e a ferrugem. E silêncio.

Ao centro da divisão, uma cadeira. E nela, Giovanna Albinoli. Vestida de preto, olhos claros, rosto marcado pelo cansaço. Mas lúcida. Mais viva do que De Salvo alguma vez a vira.

- Inspetor - disse ela. - Chegou a tempo.

- A tempo de quê?

- De ver o final. De saber porquê.

Na mesa ao lado, um dossiê. O mesmo processo sobre Paolo Montanaro, com o acrescento de relatórios, cartas, cópias de correspondência, documentos falsificados por Orenge e assinados por mãos diferentes. Tudo.

- Estas coisas tinham de vir ao de cima. Mas não nos tribunais. Não entre advogados e acordos. Tinha de vir cá para fora na carne, no osso. Onde se sente a dor.

Ugo fixava-a em silêncio.

- A senhora julga que fez justiça?

- Eu não acredito na justiça. Acredito na memória. E a dor... é a forma mais longa de memória.

- Matou três pessoas.

- Três pessoas que mataram o meu pai. Não com as mãos - com as assinaturas. Com os silêncios. Com os olhares postos noutro lado.

De Salvo deu um passo em frente.

- Há um mandado de captura em seu nome.

- Eu sei.

- Mas antes... - Parou. Olhou para o dossiê em cima da mesa. - Antes quero perceber uma coisa.

- Diga.

- Como soube de mim? Porque é que me escolheu a mim como testemunha?

Giovanna hesitou. Depois disse:

- Porque o senhor é o único que em Turim já tinha tentado fazer a coisa certa. E parou. Não por medo. Por solidão.

De Salvo não respondeu.

- Desta vez não está sozinho - disse ela. - Tem tudo o que precisa para fechar o caso. E para o manter aberto na consciência.

Giovanna levantou-se. Estava pálida, mas de cabeça erguida. Estendeu-lhe uma chave.

- Na gaveta de baixo. Vai encontrar o que é preciso para fechar o caso.

De Salvo abriu. Lá dentro, uma gravação em fita magnética. Ouviu-a até ao fim, sentado na beira da cadeira. A voz de Orengo: fria, técnica, sem vestígio de remorso. Assinaturas falsas. Próteses vendidas. Cumplicidades institucionais. Tudo.

Ficou parado com a fita na mão.

Já sabia o que qualquer advogado diria: uma gravação obtida por uma civil sobre uma pessoa sedada e sem defensor não podia sustentar sozinha uma acusação. Serviria apenas para indicar onde procurar.

Giovanna sabia-o. Tinha-o calculado.

A fita não era uma prova. Era um mapa. Estava a dizer-lhe: olha aqui, procura aqui - depois encontra as provas sozinho, de maneira que aguentem.

Às costas dele um gonzo gemeu. De Salvo reconheceu o barulho da porta. Bastava-lhe virar-se, mas ficou com a fita

nas mãos até ao fim. Quando voltou a olhar para a cadeira, Giovanna já lá não estava.

Saiu. Lá fora, só nevoeiro. Nenhum barulho. Nenhuma pegada.

Na cadeira, um único objeto: um martelo ortopédico, deixado com cuidado. E gravado no cabo, com precisão cirúrgica, o nome:

Paolo Montanaro

De Salvo ficou imóvel um longo momento.

Depois meteu o martelo no envelope das provas.

Voltou para o carro. Arrancou devagar, pela estrada que ladeava os campos por lavrar. O rádio estava desligado. O céu estava branco. Algures, para lá do nevoeiro, ficava Predosa. Ficava a Sissi à espera. Ficava um gira-discos com um disco para pôr.

Ainda não sabia qual.

A 3 de novembro de 1978, De Salvo remeteu à procuradoria o relatório final do inquérito. Três homicídios atribuídos a Giovanna Albinoli, ainda foragida. Carlo Orengo indiciado por associação criminosa, fraude em fornecimentos públicos, falsificação e homicídio por negligência em relação à morte de Paolo Montanaro.

De Salvo assinou a última página do relatório e pousou-a na mesa do comandante, que a leu sem dizer nada durante um minuto inteiro. Depois levantou o olhar.

- A executora?
- Foragida. Nenhuma sinalização recente.
- Andamos à procura dela?
- O mandado de captura está ativo.

O comandante tamborilou os dedos no processo.

- De Salvo.
- Senhor comandante.
- O senhor acha que esta mulher merece ser encontrada?

Um silêncio breve.

- Não é uma pergunta a que possa responder em serviço, senhor comandante.

- Não, com certeza. - O comandante folheou o processo. - O caso Orengo vai arrastar-se anos. Os advogados dele vão fazer tudo. Mas a declaração espontânea aguenta - mostrei-a a três magistrados.

- Eu sei.
- Mérito seu.
- De outros também.

O comandante olhou para ele. Não perguntou de quem.

- Pode ir, inspetor.

* * *

Nessa noite, De Salvo chegou a casa às seis. Sissi estava no peitoril. Quando ele abriu a porta, ela entrou sem

pressa, foi à tigela vazia, depois voltou na direção de De Salvo com a cauda levantada.

- Já percebi - disse ele.

Abriu-lhe uma lata. Ela comeu. Ele fez café, sentou-se à mesa da cozinha, abriu o caderno. Leu o que anotara no dia do encontro no casebre: as palavras de Giovanna, transcritas dentro do carro antes de arrancar.

«A senhora julga que fez justiça?» «Eu não acredito na justiça. Acredito na memória.»

Releu aquela frase três vezes. Depois abriu uma página nova e escreveu:

Paolo Montanaro, pedreiro, quarenta e dois anos, morto a 11 de abril de 1961 depois do implante de uma cavilha femoral não registada. A filha, Giovanna, obrigou o sistema a olhar, matando três homens. Tinha uma razão; não tinha o direito. O sistema tinha falhado antes dela.

Ficou a olhar para aquelas palavras. Depois virou a página, como se as quisesse separar do resto.

No gira-discos pôs um disco: Mississippi John Hurt, Avalon Blues. Uma voz rouca e mansa, uma guitarra que parecia pensar entre uma nota e outra. A música mais velha do blues, aquela que não gritava nada - estava só ali, testemunhava.

Sissi saltou para a mesa. Sentou-se ao lado do caderno.

- Pois - disse De Salvo.

Lá fora, Predosa estava silenciosa. O ar de novembro tinha já aquela qualidade específica: ainda não frio, ainda não humidade. Só um cinzento macio que achatava os contornos. De Salvo ficou à mesa até tarde. Não bebeu. Não fumou. Ouviu o disco até ao fim, depois virou-o e ouviu-o outra vez. Quando foi para a cama, deixou o caderno aberto em cima da mesa.

O magistrado de Alessandria

Emilio Rastelli tinha quarenta e seis anos, óculos redondos e a cara de quem lera processos a mais e dormira de menos. Procurador-adjunto em Alessandria havia oito anos, ocupava um gabinete sem nada de pessoal: apenas livros jurídicos e pilhas de papéis alinhadas por altura, um skyline de papel.

De Salvo conhecia-o de vista. Tinham-se cruzado dois anos antes por um caso de recetação que dera em nada. Rastelli era daqueles que preferem fazer as coisas bem a fazê-las depressa - uma característica rara, e por isso apreciada.

- Inspetor. - Recebeu-o sem se levantar. Apontou a cadeira em frente da secretária. - Li o material. É muito.

- É.

- Doze documentos do Ferrero. O caderno da Giovanna Albinoli. O depoimento do Spina. A declaração espontânea do Orenge na cama onze. - Rastelli abriu uma gaveta, tirou de lá a fita num saco transparente. - A gravação não a cito. Ouvi-a. Diz-me onde olhar. Mas no processo não entra.

De Salvo não perguntou porquê. Não era preciso.

- Então o que é que aguenta?

- Os contratos da Ortholab com a sigla C. O. são autênticos e têm assinatura identificável. A participação do Teixeira está registada nos autos. Spina testemunhou as transferências. E Orenge confirmou os factos perante mim e o defensor. Essa declaração entra no processo.

- É um caso construído em cima de três homicídios e de provas que um bom advogado pode contestar.

- É - disse Rastelli. - É exatamente esse o caso. - Rastelli olhou para ele. - Mas o senhor quer que eu avance na mesma.

- Quero que avance porque o Paolo Montanaro morreu com uma prótese experimental no fémur e nunca ninguém respondeu por isso. O caso é este. Todo o resto é moldura.

Silêncio. Rastelli abriu o processo. Folheou-o com os dedos experientes de quem sabe exatamente onde olhar. Deteve-se na cópia do contrato Ortholab-Santa Caterina com a sigla C. O. à margem. Pô-la contra a luz.

- Sabe o que me interessa nesta sigla? - disse. - Não é uma assinatura. É uma aprovação. Uma daquelas anotações que um dirigente põe num documento para dizer: vi, percebi, avança. Não se assina um crime - aprova-se. É a maneira como certos homens mantêm as mãos limpas.

- Exatamente.

- E depois alguém decidiu que aquelas mãos não estavam suficientemente limpas. - Rastelli fechou o processo. - Avanço. Não por o caso ser perfeito - não é. Mas porque, se não o fizermos agora, com este material, não o fazemos nunca mais.

Levantou-se. Estendeu a mão. De Salvo apertou-a.

- Há uma coisa que lhe tenho de perguntar - disse o magistrado. - A mulher. Giovanna Albinoli. Se se apresentasse espontaneamente - e sublinho espontaneamente - podia colaborar e prestar uma confissão completa. Caberá ao juiz avaliá-la.

De Salvo ficou imóvel um segundo.

- Não sei onde ela está.

- Com certeza. - Rastelli voltou a pôr os óculos. - Mas se vier a saber, diga-mo a mim antes de o dizer a quem quer que seja.

De Salvo saiu sem responder. No corredor do tribunal, o barulho dos passos no mármore parecia alto de mais, como numa igreja esvaziada. Lá fora, o céu de Alessandria era um cinzento compacto, aquele cinzento que não promete chuva nem aberturas.

Caminhou para o carro. Pensou no postal no peitoril de casa - o porto, os barcos brancos, a luz que não era a do Piemonte.

Pensou: não vou dizer a ninguém.

Abriu a porta. Entrou. Ligou o motor. Voltou para Predosa.

O homem que não se levantou

O senador Luigi Brega recebeu a notificação para depor como testemunha a 18 de dezembro de 1978, às onze da manhã. O oficial de justiça entregou-a na secretaria do escritório dele, em Alessandria. Brega estava presente, mas fez esperar quarenta minutos antes de sair.

Era um homem na casa dos sessenta, cabelo branco penteado com cuidado, fato cinzento-escuro. Não era corpulento nem ameaçador. Tinha a cara de quem aprendeu a durar - não a ganhar, a durar. Há diferença.

O oficial disse:

- Notificação na qualidade de testemunha. Processo Orengo, procedimento n.º 247/1978. Audiência marcada para...

- Já li - interrompeu Brega. A voz era tranquila. A de quem nunca precisou de a levantar.

- Tem de assinar o recibo.

Brega tirou a caneta do bolso de peito. Assinou. Devolveu a caneta sem olhar para o oficial.

- Mais alguma coisa? - disse.

- Não, senhor senador.

- Então bom dia.

O oficial saiu.

Brega voltou à mesa. Leu a notificação como um contrato - à procura das cláusulas, não das palavras - e deixou-a virada para baixo.

Pegou no telefone. Marcou um número.

- Sou eu - disse quando o outro atendeu. - Marcaram para janeiro. Sim. - Uma pausa. - Eu sei. Mas o Orengo já falou. - Outra pausa, mais longa. - Não. Não se faz nada. Testemunha-se. Responde-se ao que perguntam e só a isso. É testemunha, não é arguido. Por agora.

Desligou.

Ficou sentado alguns minutos. Pela janela, as videiras despidas, a terra molhada, um céu sem chuva nem sol.

Uma paisagem que vira durante quarenta anos sem a achar bonita nem feia. Apenas presente.

Abriu a gaveta da direita. Tirou de lá um dossiê fino. Abriu-o. Lá dentro: cópias de três contratos, todos com a sigla C. O. à margem. Olhou para eles um a um. Depois voltou a metê-los na gaveta e deu a volta à chave.

Não era medo, aquilo que sentia. Era a sensação exata de quem correu tempo suficiente para saber que mais tarde ou mais cedo se abranda. O momento chegara antes do previsto. Mas chegara.

Levantou-se. Foi até à janela. Olhou para os renques despidos.

Pensou: o Orenco era gerível. Isto não é.

Não disse nada em voz alta. Não havia ninguém a avisar. Era um homem que aprendera a fazer as contas sozinho, em silêncio, sem testemunhas. Era essa capacidade que o tinha mantido de pé durante tanto tempo.

Mas o nome Giovanna Albinoli não estava no dossiê. Não estava em documento nenhum que tivesse. Era uma variável que não previra, e os homens como ele não gostam das variáveis que não previram.

Voltou à mesa. Pegou em papel e caneta. Escreveu três linhas ao seu advogado. Assinou-as. Fechou-as num envelope.

Depois chamou a secretária.

- Levo-a eu - disse. - Esta manhã saio a pé.

Lá fora, o frio de dezembro era seco. Brega caminhou pelas arcadas de Alessandria. A cidade conhecia-o. Respondeu com um aceno a quem o cumprimentou.

Pensou: ainda tenho tempo.

Era o que diziam os homens como ele, mesmo quando o tempo acabava.

Dezembro de 1978.

A primeira neve do ano chegou de noite, silenciosa e exata como certas decisões. De Salvo acordou às seis e encontrou Predosa coberta de branco. O nevoeiro ainda lá estava, mas por baixo havia a neve, e a combinação das duas coisas criava uma luz estranha, leitosa, como se o mundo tivesse decidido deixar de ser definido.

Sissi estava no meio da cama, com as patas da frente recolhidas debaixo do corpo, naquela pose de pão que fazia quando o frio era mesmo frio. Não se mexeu quando ele se levantou. Só mudou as orelhas de posição.

De Salvo fez o café. Sentou-se à mesa. No peitoril, o postal de Giovanna estava ali havia seis semanas. O porto sem nevoeiro. Os barcos brancos. E no verso, três linhas que já sabia de cor: «O mar não tem nevoeiro. Vou levar tempo a habituar-me. G.»

Abriu o caderno na última página escrita. Leu: Testemunhar. Por agora chega. Era a frase de Marino - mas nos últimos dias tinha passado a ser também dele.

A instrução do caso Orenco havia de durar anos. Rastelli era bom, mas o sistema é lento quando se defende a si próprio. Brega já tinha constituído dois advogados. Os jornais tinham começado a cobrir o caso com aquela prudência típica de quando se trata de nomes que ainda têm amigos nos sítios certos. O caso Montanaro tornara-se «o caso das próteses», como se a morte de um homem pudesse ser reduzida a uma categoria de mercadoria.

De Salvo fechou o caderno.

Levantou-se. Foi ao gira-discos. Passara uma semana à procura do disco certo para aquela manhã. Não Howlin' Wolf - demasiado raivoso. Não Etta James - demasiado melancólico. Encontrara o que procurava três dias antes numa loja de Acqui: Robert Johnson, King of the Delta Blues Singers. O primeiro blues. A raiz de tudo.

Pôs o disco. A agulha encontrou o sulco. Os primeiros segundos eram chiado puro, depois a voz de Johnson encheu a sala como fumo: Cross Road Blues. Uma voz gravada em 1936 num quarto de hotel do Mississippi, com uma qualidade tão pobre que parecia vir de outra dimensão do tempo. E no entanto estava ali, exata, verdadeira, impossível de ignorar.

De Salvo sentou-se a ouvir.

Sissi desceu da cama. Caminhou até à cozinha com passo de rainha, cheirou a tigela vazia, voltou para a sala e sentou-se ao pé do gira-discos a ouvir também. Era a primeira vez que o fazia.

- Linda - disse De Salvo.

* * *

Marino chegou às nove. Bateu, entrou, serviu-se de um café sem pedir.

- Há uma coisa que te tenho de dizer.

- Diz.

- Falei com o Rastelli ontem à noite. O senador Brega vai ser ouvido como testemunha a 15 de janeiro. Não como arguido - ainda. Mas o Rastelli tem os documentos e tenciona usá-los.

De Salvo não disse nada. Continuava a olhar para o gira-discos.

- É uma boa notícia - disse Marino.

- É.

- Não pareces convencido.

- Estou convencido. Só que as boas notícias neste trabalho vêm sempre com um rebordo de outra coisa qualquer.

Marino sentou-se.

- O rebordo é a Giovanna?

De Salvo não respondeu logo. Lá fora, a neve de Predosa estava intacta - nenhum transeunte, nenhum rasto ainda. Uma paisagem que parecia estar à espera de qualquer coisa.

- O rebordo - disse por fim - é que ela fez a coisa certa da maneira errada, e nós estamos a fazer a coisa certa da

maneira certa, e no fim o resultado pode ser o mesmo. Ou pior.

- Então para que serve a maneira certa?

De Salvo levantou o olhar.

- Para nos podermos olhar ao espelho. - Uma pausa. - Mais ou menos.

Marino riu-se baixo. Era um riso cansado, mas era um riso.

Ficaram ali um bocado, os dois com o café na mão, com a voz de Robert Johnson a encher o espaço entre uma palavra e outra. Sissi tinha adormecido ao pé do gira-discos com a cauda enrolada à volta das patas.

Às dez, Marino levantou-se.

- Tenho de ir. A Valentina quer que montemos a árvore de Natal.

- Não tinhas dito que só se casam em janeiro?

- A árvore põe-se a 1 de dezembro. - Disse-o com aquela voz de quem aprendeu uma regra nova e ainda não tem a certeza de a subscrever. - Pelo menos é o que ela diz.

De Salvo acompanhou-o à porta. Lá fora, as pegadas de Marino na neve eram as primeiras da manhã.

- Marino.

- Sim?

- Fizeste bem. Em tudo.

Marino ficou parado um segundo. Depois assentiu, sem dizer nada, e foi na direção do carro.

De Salvo ficou à soleira. O frio entrava, mas ele não se mexeu logo. Olhou para a neve branca nos telhados, no campanário, nos campos. Olhou para o céu cinzento compacto que não prometia chuva nem abertas mas segurava tudo quieto, suspenso, como uma pergunta que ainda não encontrou a resposta certa.

Pensou em Giovanna. Num porto sem nevoeiro. Numa luz diferente.

Depois entrou. Fechou a porta.

No gira-discos, Robert Johnson continuava a cantar.

Um ano depois.

O processo Orenco ainda decorria. A defesa tinha apresentado quatro exceções processuais, dois pedidos de perícia psiquiátrica, uma arguição de incompetência territorial. O juiz de instrução indeferira-as todas. O processo avançava.

De Salvo tinha deixado de o seguir nos jornais. Seguia-o Marino, que de vez em quando passava com o recorte do *Corriere di Alessandria* e o pousava na secretária sem dizer nada. Era o código deles.

Clara Merli tinha encontrado um advogado disposto a aceitar o caso sem adiantamento. Constituía-se assistente no processo. Ainda andava com aquela ligeiríssima assimetria que nunca havia de passar. Ainda dava aulas na primária.

De Salvo encontrara-a uma vez, por acaso, no mercado de Valenza.

- Tem notícias?

- O processo vai em frente. Devagar, mas vai.

- E a mulher?

- Não foi encontrada.

Clara assentira.

- Ainda bem. - Depois pegara no saco das compras e fora-se embora.

* * *

Marino casara-se com Valentina em setembro. Uma cerimónia pequena, na câmara municipal, almoço numa trattoria. De Salvo chegara com uma garrafa de Barolo e fora-se embora antes do café.

Marino apanhara-o à porta.

- Obrigado por teres vindo.

- Não tinha nada de melhor para fazer.

Marino sorria - aquele sorriso que sabia ler as palavras do inspetor ao contrário.

* * *

Numa manhã de novembro - dia 7, pouco mais de um ano depois do primeiro homicídio - De Salvo encontrou um envelope na caixa do correio. Sem remetente. Formato A5, fechado com lacre. Sem nome por cima.

De Salvo ficou imóvel à porta um longo momento. Sissi passou-lhe por entre as pernas e entrou.

Levou o envelope para a cozinha. Pousou-o na mesa, ao lado do peitoril onde o postal de Giovanna - o porto, os barcos brancos, o G - estava parado havia um ano. Pôs um disco: Skip James, Devil Got My Woman. A voz mais estranha do blues, aquela que parecia vir de outro tempo.

Fez o café.

Olhou para o envelope enquanto esperava que o café passasse. Estava bem fechado. Pesado. Não era uma carta: qualquer coisa mais espessa, folhas dobradas.

Pegou no café. Sentou-se. Sissi saltou para a mesa e sentou-se ao lado do envelope, como se estivesse a montar guarda.

- Eu sei - disse De Salvo.

Abriu o envelope.

Lá dentro estava uma folha. Escrita naquela letra que já conhecia. Em cima, nenhum cabeçalho. Só isto:

«Há mais. Nem todas as contas foram saldadas. O senhor decide o que fazer com isto. G.»

E por baixo, uma lista. Sete nomes. Ao lado de cada um: cidade, hospital, ano, modelo de prótese.

De Salvo leu a lista até ao fim. Depois releu-a. Pousou a folha na mesa, devagar, como se pesasse mais do que parecia.

Sissi aproximou-se, cheirou a folha. Depois levantou o olhar para ele.

Lá fora, Predosa estava silenciosa. A luz da manhã entrava oblíqua pela janela. O postal de Giovanna no peitoril - o porto, os barcos brancos, o G - apanhava aquela luz e devolvia-a de uma maneira estranha, quase como se estivesse viva.

De Salvo ficou sentado muito tempo com aquela lista à frente.

Depois levantou-se. Abriu a gaveta. Não a do caderno - a gaveta de baixo, aquela onde guardava as coisas que ainda não sabia o que fazer com elas.

Parou um momento com a folha na mão.

Sissi olhava para ele.

De Salvo deixou a lista em cima da mesa e fechou a gaveta vazia. Vestiu o sobretudo. Saiu.

A folha continuava em cima da mesa.

Nota do autor

Escrevi *O Parte-Ossos* a partir de uma intuição: as vinganças mais inquietantes não são aquelas em que o culpado é eliminado, mas aquelas em que fica alguém obrigado a testemunhar. Giovanna Albinoli não procura absolvição. Quer que Ugo De Salvo saiba e que os papéis, finalmente, falem.

O romance passa-se no Baixo Piemonte de 1978. Personagens, unidades de saúde, empresas e acontecimentos são invenção do autor; eventuais semelhanças com pessoas ou factos reais são involuntárias.